

A LENDA DE D. PEDRO V

(Conclusão)

Algumas linhas mais abaixo continúa o ministro de Hespanha : « Quando chegou a dizer-me que o meio-dia da Europa eram *povos cahidos e gastos, que já para nada serviam, que não tinham actividade, nem iniciativa, nem enthusiasmo* e que a *raça latina havia dado de si tudo o que podia*, quasi me esqueci de que era um rei o que me fallava, e, sem reparar ou reparando, em que era filho de um allemão, não pude deixar de rectificar as suas apreciações historicas, com um calor mais proprio de discussão academica, do que da audiencia cortezã, que a *raça latina ou meridional havia feito tudo no mundo... etc. etc.* » Prosegue o diplomata com uma enorme... *hespanholada*, sem o minimo merito litterario ou philosophico, que sem duvida havia de fazer sorrir D. Pedro V, e onde figuram como argumentos supremos a vontade da *Providencia* e a *philosophia christã dos Santos Padres!* « Acaso V. E. estranhará, accrescenta ainda Pastor Diaz, com fundada razão, a materia d'este despacho. Será mui rara nos annaes da diplomacia uma conferencia d'esta naturêza. *Poucos ministros haverão tido occasião de relatar aos seus governos conversações historicas ou philosophicas com os principes.* Porém com este soberano *seria ainda mais inconveniente evitar a controversia do que acceital-a e sequil-a*, e uma vez n'este terreno era quasi para elle uma lisonja *esquecer-me do soberano para não me recordar senão do philosopho.* Como quer que seja, nem n'aquelle

instante, nem depois, nem agora, pude dar a esta conferencia alguma significação. *O rei D. Pedro falla de ideias e de principios como seu pae falla de quadros de Raphael e de Murillo.....* Salamanca ao sahir d'aquelle palacio, — *abriendo tantos ojos como antes habia abierto tanta boca*, — disse uma coisa mais profunda do que todas as nossas philosophias: «*Deus nos livre*, exclamou, *de que este rei tivesse os meios e o valor das suas convicções!*...¹» Se Pastor Diaz não comprehendeu o monarcha a ponto de confessar que nunca podera dar significação a esta entrevista, outro tanto não succedeu com Salamanca, homem intelligente e illustrado, o qual viu bem o alcance das ideias e dos principios de D. Pedro, como se deprehende d'essa phrase que o ministro nos transmittiu sem ter a consciencia do seu valor. As opiniões do rei sobre a decadencia dos povos latinos eram e são ainda hoje as de escriptores notaveis, sobretudo germanicos, e justificavam-se com o estado da nação portugueza como elle a via e como a descrevera Quinet: «*Portugal agonisa na soleira de um palacio.*»² Escreve Theophilo Braga: «*Pastor Diaz explica em parte estas affirmações porque «era hijo de un alleman» mas não sabia explical-as como a obra da exploração catholico-monarchica sobre os povos meridionaes. D. Pedro v via os resultados de uma certa decadencia, mas era-lhe impossivel reconhecer as causas historicas.*»³

Em terra de cegos quem tem um olho é rei, diz o velho dictado. De facto, se D. Pedro v era superior ao seu meio, é porque esse meio valia intellectualmente muito pouco, como com facilidade se constata, passando a vista pela *Revista Contemporanea* e por todos os outros órgãos litterarios que são como que os thermometros da mentalidade nacional em cada época. D. Pedro era metaphysico em resultado dos seus estudos e das suas meditações; os que o rodeavam, a camada culta composta de jornalistas e de politicos, nem isso eram, com raras excepções, — conservavam-se, sem convicção de especie alguma, dentro do catholicismo tradicional, ou se se atreviam a entrar nos dominios metaphysicos, apenas aceitavam o lado mais superficial e mais rhetorico do eclecticismo francez. O rei ia mais longe; apesar da sua indisciplina mental, caracteristica de uma instrucção fragmentaria e incompleta, tinha principios e theo-

¹ Fernandez de los Rios, *Mi mision en Portugal*, p. 203-5. (Despacho de Pastor Diaz de 10 de dezembro de 1859).

² *Mes vacances en Espagne*, p. 237.

³ *Historia do Romantismo*, p. 371.

rias, atrazados e erroneos necessariamente, mas sinceros, devidos a um esforço da intelligencia nos seus vãos para uma ordem de coisas que presentia, mas que não podia comprehender e definir. O seu valido, aquelle com quem no silencioso gabinete ou na bibliotheca da Ajuda passava horas e horas a conversar sobre historia e sciencia, era o unico homem realmente superior, que poderia ter dado uma orientação séria á mentalidade portugueza, era Herculano. Alli, os dois, o joven e o velho, o monarcha cheio de illusões e de esperanças e o historiador desalentado pelos desenganos e descrenças, admiravam-se reciprocamente, um em face do outro, o primeiro animado de boa vontade de ser util a uma nação decadente, mas que ainda podia progredir, e o segundo, meio sceptico, negando-se a coadjuvar essa empresa, encerrando-se cada vez mais n'um egoismo desolador. ¹ A criação do Curso superior de letras teve por fim levantar o espirito da mocidade com o derramamento de noções historicas e litterarias pelos homens que D. Pedro considerava mais competentes: Herculano para a historia patria, Viale para as litteraturas antigas e Castilho para as litteraturas modernas. Só o segundo se prestou a auxiliar o monarcha na execução de tal obra. Herculano não quiz abandonar a sua concentração egoista e Castilho por vaidade seguiu-lhe o exemplo. D. Pedro viu morrer assim mais uma das suas illusões.

Todos os bons desejos do monarcha se inutilisaram, como este, de encontro á má vontade dos homens, de quem elle esperava coadjuvação. Nada conseguiu fazer, apesar de viver sempre animado das melhores intenções. D. Pedro, idolatrando a memoria do avô, tinha por ideal completar a sua obra; tomou a sério o seu papel de rei constitucional, não como manequim irresponsavel ou mero depositario da corôa — a perfeição dos reis do constitucionalismo — mas como agente propulsor dos progressos nacionaes, *obligando* o povo a constitucionalisar-se pelo desenvolvimento pacifico, como seu avô o *obligára* a acceitar a carta constitucional e a liberdade com a espada nos campos da batalha. Era a politica de D. Pedro IV transplantada dos tempos de guerra para os tempos de paz. Se eram excellentes as intenções do monarcha — como ninguem contesta, — com o decorrer dos annos ser-lhe-hiam causa de profundas amarguras, se a morte não o rouba tão cedo. Para elle o rei «tem de responder por si e pela instituição que representa; deve-

¹ Vid. na *Historia do Romantismo* de Th. Braga as bellas paginas sobre as relações de Herculano com D. Pedro V.

se áquelles que o precederam, como aos que hão de seguir-se-lhe; *tem de velar pelo bem dos seus povos* e de nobilitar o seu officio, incompleto no conceito dos adoradores obstinados do passado, inutil ao vêr d'aquelles que o crêem conservado apenas para embargar ambições extremas.» ¹ D. Pedro v não era dos primeiros, nem dos segundos, porque contra a opinião d'aquelles protestavam as suas theorias e doutrinas metaphysicas e contra a d'estes a convicção de que cumpria um dever intervindo pessoalmente na direcção dos negocios publicos.

As suas ideias levavam-o a reconhecer a soberania popular. A abdicção dos antigos poderes restituira a liberdade ao povo. «Taes poderes cedem-se, dizia elle, e não se reconquistam; *eram de facto, e jámais seriam de direito.*» ² A monarchia perdera esses foros «na fatal transformação social, que acabou com o xviii seculo,» explicava D. Pedro, e seu avô «compreendeu, que a profunda alteração, que os acontecimentos e a indole da civilisação do nosso seculo haviam produzido nas relações entre os elementos constitutivos da sociedade, exigia que nas instituições politicas se retratasse a grande revolução social que se tinha operado em toda a Europa.» Por isso D. Pedro iv puzera-se «á frente d'uma revolução que pela força das cousas, e sobretudo d'essa acção irresistivel, que tende a identificar a condição politica das nações europeas, tarde ou cedo se teria operado...» ³ O joven monarcha, na sua sinceridade, glorificando os actos de seu avô, confessava ingenuamente que elle não fizera mais do que seguir á risca a conhecida phrase popular — *O que não se pôde haver dá-se pelo amor de Deus.* D. Pedro v, pelos seus estudos historicos e philosophicos e pelas intimas relações com Herculano, comprehendera a importancia não só do movimento liberal, como tambem da obra reformadora effectuada pelo grande Mousinho da Silveira. Não fôra simplesmente uma revolução politica, fôra o começo de uma revolução social. Eis como elle explicava a ligação das reformas politicas com os interesses sociaes :

«A subita necessidade do governo livre foi em Portugal a formula de uma revolução social, ignorada antes, ignorada depois por tantos que chamaram a liberdade politica a servir de garantia da

¹ *Palavras de D. Pedro V* (Resposta á Camara Municipal em março de 1859) p. 113.

² Idem (Ibidem no ann. do juramento da carta) p. 53.

³ Idem (Resp. á Cam. dos Dep. em 29 de abril de 1856) p. 45.

liberdade social. *Em 1823 ficaram de pé os interesses contrariados pela primeira manifestação do poder das classes intermedias; e as classes para quem se operára a revolução deixaram arrancar das mãos a liberdade, que mal tinham aprendido a apreciar. Morreu a nossa primeira constituição como não devêra ter morrido a obra da boa fé e do patriotismo. Vieram os tempos em que uma classe pelejava contra todas, em que a liberdade politica teve de ser dada ao paiz pela espada, e o paiz recebeu e conservou a liberdade. Os primeiros actos do novo governo foram a resolução do problema apenas enunciado em 1820. Foi grande meu avô, de saudosa memoria, quando se demittiu de duas realezas, quando abdicou os preconceitos que vulgarmente as obscurecem e as compromettem. Não o foi menos quando vinculou o seu nome á reforma economica, ainda hoje tão injustamente apreciada...*»¹

O monarcha, com a instrucção metaphysica de que estava imbuido, não podia trazer para a pratica senão ideias falsas ou deficientes, cuja execução, se por acaso fosse possível, seria mais prejudicial, do que vantajosa para o desenvolvimento da civilisação. A principal missão dos governos — como elle a entendia — o seu grande dever, consistia em dar á sociedade trabalho e instrucção,² — trabalho pela protecção á industria e á agricultura e pelos melhoramentos materiaes que não fossem destruir as pequenas industrias da provincia, — instrucção, pela fundação de escolas onde se ministrassem aos estudantes noções praticas e profissionaes de preferencia á instrucção primaria, «demasiadamente elementar.»

Era a instrucção um dos assumptos que mais o preocupavam. Nos discursos pronunciados nas sessões solemnes da Escola polytechnica, todos os annos discutia questões de instrucção, quasi sempre com bom senso e ás vezes aproximando-se das conclusões a que mais tarde chegariam os modernos pedagogistas. Não possuia, porém, nem podia possuir, dada a indisciplina metaphysica da sua intelligencia, um plano regular e definido. Intuitivamente traçou a profunda distincção de origens que separava a Universidade da Escola polytechnica — distincção estabelecida agora scientificamente por Th. Braga na *Historia da Pedagogia em Portugal* — nas seguintes palavras: «As escolas superiores de sciencias e as faculdades universitarias denotam mais duas phases distinctas que duas necessidades separaveis da civilisação, duas direcções dos espiritos,

¹ Idem (Resp. á Cam. Mun. em 29 de abril de 1858) p. 47.

² Vid. Ob. cit. (Discurso na inaug. da expos. do Porto) p. 106.

e não duas fórmulas igualmente aceitáveis do ensino.»¹ Foram as necessidades sociais que fizeram substituir os institutos docentes pelas escolas polytechnicas; aquelles «quasi que consigo arrastavam a civilização, morosa ainda»; a estas, «hoje a civilização, infinitamente mais forte que ellas, diz-lhes como hão de ser.»² D. Pedro lamentava o estado vicioso da nossa instrução e o desacôrdo entre as diferentes escolas: — «a escola primaria, demasiadamente elemental; a escola secundaria, demasiadamente classica; e a escola superior, que, quasi sem transição, se repartiu pelas exigencias da sciencia praticavel, e da sciencia abstracta.»³ Falta-vam-lhe, porém, os elementos para achar o systema pedagogico a que aspirava. E a desgraça era que os homens que o rodeavam, menos ainda os possuíam.

D. Pedro v, como rei constitucional, não era decerto um modelo; com a consciencia segura do dever, exagerava a sua missão, intervindo pessoalmente e discutindo os negocios publicos, quer porque as tendencias hereditarias da soberania influissem sobre o seu espirito, quer porque a sua superioridade intellectual não lhe permitisse firmar irreflectidamente as deliberações dos ministros, nem curvar-se aos desejos das camarilhas. N'elle o homem eclipsava o rei.

Para aquilatar ao mesmo tempo o grau da sua cultura e o seu bom senso critico, se não fossem sufficientes os trechos adduzidos, tinhamos ainda um documento litterario publicado ha pouco pelo snr. conselheiro Viale na ultima edição das *Tentativas Dantescas*. É uma longa carta, ou antes uma critica á traducção de alguns cantos do *Inferno*, tentada pelo illustre professor das Litteraturas classicas, para quem, apesar d'esse esforço, a doçura de Virgilio e a bella dicção de Tasso são superiores á obscuridade de Dante. Contra semelhante injustiça se revolta D. Pedro v e escreve: «Eu aceito e admiro Dante tal como elle é, sem as correções dos criticos, que lhe destruiriam a identidade. Substituiriam forçosamente ao conceito rude, que exprime a ideia rude, o conceito mais ameno, que não conseguiria traduzil-a.

«Leio cantos e cantos da *Divina Comedia*, e em grande parte não os entendo; e comtudo, sem que eu esteja obedecendo a um preconceito, sem que eu deva incorrer na accusação de vaidoso,

¹ Loc. cit., p. 402 (Discurso de 1859).

² Idem, p. 98 (Discurso de 1858).

³ Idem, ibidem.

n'essa obscuridade mesma já existe para mim um certo goso. Não encontro allí a obscuridade que nas lettras humanas costuma tomar-se como defeito; não é a obscuridade que se desvanece ao folhear de um dictionario, é essa escuridão quasi apocalyptica, que não cede senão á triplice acção do conhecimento do livro, do auctor e da época. A época faz o auctor. O poema de Dante, diz Lamennais, é uma época toda.» E mais adiante: «O poeta é o espelho da época em que vive, meditativo e prophético em umas épocas, voz do passado em outras; considerando, em umas, o homem pela ideia que n'elle habita, e n'outras enganando-se com o exterior, que um sol brilhante alumia, dominando a multidão e segregando-se d'ella em umas, e n'outras deixando-se levar pela opinião dominante. Dante viveu em uma época em que o poeta, em que elle especialmente, não podia ser nem a voz do passado, nem a lisonja, nem o escravo do vulgo dos litteratos.» Depois, fallando da idade média, da época «em que Dante viveu», acrescenta: «não é já o tempo de crenças vividas e ardentes, o tempo de fé, de entusiasmo e de religião, que fôra o proemio da civilisação moderna, mas que é duvidoso se a Italia jámais conheceu. Bem pelo contrario, era já o consorcio que se operava entre a rudeza barbaresca do conquistador e a concepção moral da abastardada raça nativa. D'ahi, em grande parte, a severidade das apreciações, a injustiça na distribuição das penas e o luxo de personalidades, que se não desculparia em um livro que não fosse, como este, a vida toda do auctor. A *Divina Comedia* é a epopeia de uma grande dôr.» Quem assim escreve, quem a par d'este rapido esboço ácerca do Dante, deixa entrevêr pontos de vista tão firmes e tão verdadeiros sobre Virgilio, Horacio, Shakespeare, até sobre o pobre Boileau, — senão fosse infelizmente um simples rei, seria indubitavelmente um escriptor notavel. O peso inglorio do manto real esterilizou as qualidades do pensador e, o que ainda é peor, a energia do homem.

III

Cournot, no prefacio de uma das suas obras ¹ escreveu as seguintes palavras: «Com a historia dos povos succede o mesmo que

¹ *Considérations sur la marche des idées e des événements dans les temps modernes*, vol. I, p. IV.

com a historia da Natureza, que é preciso não confundir com a sciencia da Natureza, porque tem principalmente por objecto, uma — leis, outra — factos, mas factos que podem adquirir tão grande proporção, ter consequencias tão vastas e tão duradouras, que nos pareçam ter e que tenham com effeito a mesma importancia que as leis. A razão, còmtudo, não deixa de conceber a differença radical das leis e dos factos ; umas, valendo em todo o tempo, em todo o lugar, por uma necessidade que se ligou á essencia permanente das cousas ; os outros trazidos por um concurso de factos anteriores e determinando por seu turno os factos que devem seguir. Ha na historia de um povo, como na biographia do mais humilde individuo, independentemente do que se refere ás suas disposições nativas e ás leis constantes da Natureza, factos, accidentes, que influem sobre todo o curso de suas doutrinas. A critica philosophica não tem motivos para se occupar de taes factos, de taes accidentes a proposito de um homem qualquer : mas occupa-se d'elles com immensa razão, quando se trata da vida de um povo e sobretudo de um povo cuja vida influiu nos destinos da humanidade inteira. » Theophilo Braga, seguindo esta ordem de ideias, escreve tambem na sua *Sociologia* : « A historia não obedece sómente a causas immediatas de connexão, ha tambem causas secundarias, que por isso mesmo que são accidentes, parecem effeitos do *acaso* ou perturbações que imprimem aos acontecimentos uma logica sua. » ¹ Ora um d'esses factos, um d'esses accidentes, que na apparencia são de nenhuma importancia para a marcha da civilisação, mas que no emtanto influem ou perturbam pelas consequencias em que são fecundos, é decerto o da morte de D. Pedro v. Se este accidente não occorresse no momento em que se deu e o reinado de D. Pedro se prolongasse por maior numero de annos, teriam os acontecimentos da politica interna e externa seguido a direcção que levaram ? Crêmos que não. Sem entrar em reconstrucções hypotheticas e ficticias da historia — condemnadas pela sciencia positiva — e tomando só em conta a situação, como ella se encontrava á morte do monarcha, podemos affirmar com o *Observer* de Londres que « a morte de D. Pedro foi uma calamidade para Portugal e para a Europa. »

Os successos que occasionaram e acompanharam o fallecimento do joven rei vieram avivar e augmentar a lenda ainda em formação, e deram ao seu successor uma protecção estranha e sobrenatural, que só o decorrer dos annos e o advento de novas gerações intel-

¹ Ob. cit., p. 134.

lectualmente superiores conseguiram desfazer na consciencia publica. Se não se dessem esses successos, sobretudo a prematura morte de D. Pedro, a lenda, de que apenas existiam os germens, não se teria desenvolvido. Esses mesmo cedo começaram a atrofiar-se. As irmãs da caridade, protegidas por D. Estephania, e odiadas pela massa popular, eram os melhores agentes da sua dissolução. Oliveira Martins, referindo-se aos meados de 1859, em que sobreveio a imprevista morte da rainha, diz: «Era então o tempo em que a questão das irmãs da caridade, complicada com a politica, se tornára um espinho irritante; e a devota rainha e o funebre rei começavam a ser accusados de clericaes e ultramontanos.»¹

O movimento da opinião popular contra as irmãs da caridade e os padres que as acompanhavam, não cessou de crescer, impellido de mais a mais pela opposição que n'esse tempo propunha a sua expulsão como uma garantia da liberdade, em vez de as exaltar e recommendar á caridade publica como vimos ha poucos dias com as irmãs hospitaleiras. Pastor Diaz, que descreve com côres negras, nos despachos secretos para o governo de Hespanha, o estado religioso da nação, cujo *indifferentismo surprehenderá o hespanhol menos religioso*, diz que se levantava «uma cruzada contra o espirito de reacção, a pretexto de uns lazaristas envergonhados e quasi invisiveis, que parece terem-se estabelecido sem temor ás pedradas e insultos com que aqui tem sido acolhidas duas vezes (unico exemplo na Europa) as irmãs da caridade...»² Isto era em março de 1861. O ministro informava a sua côrte: «Certas associações politicas, isto é, clubs publicos (que em Lisboa ha tres ou quatro da peor especie) tratam de se confederar e *buscar meios para se opporem á reacção politica e religiosa*. Ha periodico que já leva escripto n'este sentido mais de vinte artigos em serie numerada; e os clubs, depois de varias tentativas infructuosas, chamando os deputados a uma junta magna, convocaram para um *meeting*.»³ Dois mezes depois ainda escrevia: «*aqui hay contra Roma mas que indiferencia; hay encono, hay odio; que aqui hay espirito anti-papal, que de una parte viene de muy lejos y por otra, desciende de muy alto.*»⁴

Estas ultimas palavras deixam perceber que D. Pedro não era favoravel ás pretensões do papa e á influencia da Igreja. Mas tam-

¹ *Portugal contemporaneo*, vol. II, p. 396.

² Apud F. de los Rios, *Mi mission*, loc. cit.

³ Idem, *ibidem*.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 210.

bem não era hostil ás irmãs da caridade, e mais em homenagem á memoria de sua fallecida esposa, cuja devoção elle respeitava até á superstição, do que por intenção religiosa, dispensava ás irmãs da caridade, senão apoio, pelo menos uma certa protecção, que, attendendo ao character do monarcha, devia augmentar, quando o odio dos politicos se convertesse em perseguição desaforada. D. Pedro, apesar de metaphysico, não se prestaria decerto a assignar o decreto da expulsão com tanta facilidade como o fez seu irmão, poucos mezes depois do seu fallecimento. Ter-se-hiam travado luctas mais violentas, e o partido republicano formar-se-hia mais cedo.

O movimento revolucionario, tendo obtido uma victoria facil, esfriou e perdeu-se, abafado de todo pela lenda que se ergueu dos tumulos ainda mal fechados para proteger as instituições. Por isso, quando em 1868 a Hespanha se revolucionou e expulsou do throno a rainha Isabel, não achou echo, nem sympathias em Portugal; tinhamos continuado a dormir embalados com a lenda do rei santo! Por isso tambem a nossa cõrte tornou-se o fóco da conspiração que cinco annos depois, estrangulando a republica, poz de novo no throno dos reis catholicos a infamada dynastia dos Bourbons. Por isso, emfim, a Peninsula hispanica, no estado de corrupção e de esphacelamento a que chegaram ambos os povos, continúa a debater-se n'uma crise dolorosa entre a banca-rota e a miseria social, sem tentar a sua regeneração e sem permittir ao menos que a França avance resolutamente no caminho das grandes reformas religiosas, sociaes e economicas, o que não póde fazer sem o apoio moral e politico de algumas ou alguma das nações circumvisinhas.

Não será, porventura, ainda tempo da nação portugueza, comprehendendo os males que resultaram da famosa lenda de D. Pedro v, procurar remediar-lhe os effeitos por um movimento commum de energia e pela multiplicação dos esforços individuaes para se attingir um grau superior de civilisação?

A consciencia publica que responda.

TEIXEIRA BASTOS.

DIALECTOS EXTREMENHOS

I

LINGOAGEM POPULAR DO PERAL

(Conclusão do numero precedente)

D) Vocabulario

De modo algum aspiro a ser completo : indico apenas os termos que me foi possivel colhêr e que differem em geral, mais ou menos, quer dos da lingoagem commum, quer dos das outras provincias. Devo porém dizer que quasi sempre exclui os acabados em *-éro* (= *-eiro*), porque é claro que todos os termos que na lingoagem existem com a terminação, *-eiro* tem no Peral a terminação *-éro*. A mesma observação faço a respeito de outras palavras estudadas na phonetica, como aquellas em que existe a syllaba atona *in* (= *en*) ¹ etc. — Os termos que não levarem indicação em contrario são desconhecidos no Norte (do Mondego para cima), pelo menos para mim.

Abugão, o que cuida dos bois. *D'abegão*.

Ábuguaria, lavoura, etc.

Acòzião, occasião.

Adevoção, devoção.

Adevinhação, adivinha (na litteratura popular).

Alcórca, rego fundo que acompanha o vallado.

¹ É bom observar que já J. Franco Barreto dá na sua *Orthografia da ling. portugueza*, ed. de 1671, como fórmas populares *pinsamento*, *vindeira*, *rindeiro* e *vinder*; elle, que era de Lisboa, decerto se refere á pronúncia do Sul.

Alimal, animal. Este termo usa-se também em algumas partes do Minho.

Aljábra, sacca de couro em que se mette o podão. — De *aljava*, a que Fr. João de Sousa dá por etym. o arabe *aljába* (*Vestigios da lingua arabica em Portugal*, Lisboa 1830).

Aljubre, aljube. A etym. que lhe dá Fr. João de Sousa é o arabe *aljobbe*.

Alzibeira, algibeira. O nosso arabista Fr. João de Sousa deriva-a de *algibeira* (algebeira), do arab. *aljeiba*. — Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, 516.

Amanhar, preparar o terreno para a cultura.

Amógado, deitado.

Âmur-dois, ambos de dois. O termo *amurdóis* é mui usual, mas também se diz *amusdóis*.

Andêjas, formigas. A raiz parece ser *andar*. — Não é este o unico caso da lingoagem popular em que as formigas tem um nome differente do usual: em Sortelha (B. Baixa) chamão-se *aúdes* [vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, pag. 193], palavra que de certo deriva de **aludas* [sobre *ala*]; cf. *orelhudo*, *cabeçudo*, *cornudo*, etc.

Andorinhas cazeiras, andorinhas que fazem o ninho na beira do telhado.

Anjinhos, fôrça na mão para segurar. — Esta palavra era outr'ora em portugûes um instrumento de tortura para os dedos: talvez os dois sentidos se relacionem pois.

Antóino, Antonio. — Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, 501.

Apulida, appellido.

Âque d'inrê, aqui d'el-rei. Também no Peral se diz *àlque d'inrê e dca d'alrê*. Em Lisboa, como me informa o snr. Gonçalves Viana, diz-se *àque d'en l rei*. No Porto ouvi já também *àque de Deus*. — Cf. *Dialectos minhotos*, I, pag. 10 e not. — F. J. Freire, *Reflexões*, II, 16, pronuncia e escreve *ah! que d'El-rei*; nas not. pag. 162 cita-se a mesma phrase de Jorge Ferreira, na *Ulysipo*: «*Á que d'el-rei!*». — Na Beira-Alta também se diz, como muitas vezes tenho ouvido: *á que d'il-rei!* [*àque* pronuncia-se como uma só palavra, com accento no *á*].

Arbe, arvore. Também se usa em Entre-Douro-e-Minho.

Arrã, rã. — Na excellente *Grammat. portugueza* do meu amigo o prof. A. Epiphanio Dias dá-se também *arrã* (a-rrã) como fôrma popular de rã. Pag. 139, §. 251-a. — O snr. Epiphanio Dias de certo se refere á pronuncia popular da Extremadura, sua patria.

Arragou, agarrou. Num conto popular. Este termo é só da lingoagem das creanças.

Arrincar, arrancar. A série foi talvez: *arrancar*, **arrencar*, *ar-*

- reincar, arrincar* (Cf. a *Phonologia*). A fôrma *arrèincar* que tambem ouvi no Peral faz no presente *arréinco*. — Tambem se usa no Norte *arrincar*. — Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, 525.
- Artúcia**, astucia. De certo houve aqui influencia de *arte*. — Ouvi esta palavra a uma só pessoa. Tambem se diz *astúcia*.
- Assêna**, azenha. É talvez a fôrma intermédia entre *azinha* e o arabe *assania*, que Fr. João de Sousa, *Vestigios*, etc., dá como etymologia d'esta palavra.
- Assestou-se**, assustou-se.
- Assubir**, subir. — Muito vulgar em Entre-Douro-e-Minho.
- Atuchado**, cheio.
- Bago**, bagalhóça, dinheiro. — O primeiro termo, de que o segundo deriva, pertence á giria commum.
- Bâlhar**, bailar, dançar. — Já Francisco José Freire, nas *Reflexões sobre a lingua portugueza*, t. II, Lisboa 1842, pag. 51, diz: «*balhar*, como erradamente pronuncia o vulgo». Refere-se de certo á Extremadura, sua patria. — O mesmo A., *id.*, III, 18, cita *bailheiro* (synonimo de *ligeiro*) como de Fernão Lopes, *Chron. de D. João I*, part. 29, cap. 135. Tambem D. Francisco Manoel de Mello, que era de Lisboa (sec. XVII), emprega nos *Apol. Dial.*, ed. 1721, pag. 90, esta expressão: «cada instante eu venha á *balha*», onde *balha* está por *báila*, como se diz no Norte. — Talvez o termo *bayadeira*, que existe na India, assente não em *bailadeira*, mas em *balhadeira* (y = lh). Sobre a reivindicação d'essa palavra indiana para a nossa lingua vid. *Notas lexicologicas do erudito e mallogrado philologo portuguez Manoel de Mello*, — Rio de Janeiro 1880, pag. 34-35 e not. respectivas.
- Bardoiro**, vassoura do forno. De *varredoiro, barredoiro, *barrdoiro*.
- Berlinguêro**, das Berlengas. Tambem se chama *vento berlenguêro* ao que sopra d'esse lado.
- Bõa** (com o aberto), boa. — No Norte diz-se tambem assim e *bõua*. Em Lisboa ha *bõa*: G. Vianna, *Essai de Phonologie*, pag. 8, not. — Lat. *bona*.
- Borbolóta**, borboleta. Rima até numa adivinha.
- Bórda d'auga**, beira mar. É termo tambem usado no Norte: vid. o meu *Estudo ethnographico*, Porto 1881, pag. 13.
- Cabôco**, a parte da parede que fica enterrada no chão num rêgo. D'aqui o verbo *cabôcár* e o substantivo *cabôquêro*.
- Cajadada**, pancada com o cajado.
- Cajado**, pau de trazer na mão.
- Calão**, homem preguiçoso, molle.
- Calistro**, Callixto (nome proprio).
- Caminho de pé pôsto**, caminho que fica entre *fazendas* e por onde não vae carro.

Canejas, tortas. Diz-se sómente *pernas canejas*. Nos Dicc. encontra-se *canejos*. Na Beira diz-se *cambado* neste sentido.

Casco, pipa do vinho.

Cezilia, Cicilia. — Francisco J. Freire escreve nas *Reflexões*, t. II, 23 : « *Cezilia*, como costuma pronunciar a plebe, a qual diz também *Cizilia* ». — Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, 543.

Chabôco, poço no rio. — Em Avanca (Estarreja) diz-se *bajôco* no sentido de « charco ou cova com agoa, pedra, hervas etc. », e em Baião *bajônco* : vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, not. 274.

Chaparro, pinheiro pequeno. Por extensão de sentido chama-se *chapparro* a um rapaz pequeno. Na Azambuja, etc. *sobreiro novo*.

Chemené e chuminé, chaminé.

Climintina, Clementina.

Côndensa, condeça.

Cópĩ, copo. A fôrma intermedia foi *cope*, que existe em Baião.

Côrtele, quartel.

Cravalho, carvalho. A fôrma intermedia foi **caravalho* (cf. *Dial. beirões*, I, pag. 10). — Derivado *cravalhal*.

Criênça, creança. Assim também na Beira Alta.

Cuba, pipa grande do vinho.

Cufiar, aperfeiçoar. Também se diz *aprufiar*.

Cumtigo, comtigo.

Curdina, baraço do pião. — De *corda*.

Custantino, Constantino. — No Porto tenho ouvido palavras em que *cus-* corresponde a *cuns-* (cons-), por ex. *custipar* (= constipar).

Demóino, Demonio.

Deus deante !, louvado Deus !

Dia. O dia no verão divide-se em quatro *quarteis* : o 1.º desde manhã até ás 8 ou 9 horas ; o 2.º desde então até ao meio-dia ; o 3.º d'ahi até á volta das 5 horas ; o 4.º d'ahi até á noute. Esses *quarteis* denominão-se : do almoço, do jantar, da merenda e da ceia. — No inverno os *quarteis* são só tres, indo o 3.º do meio-dia á noute. — Por aqui se regula o trabalho dos jornaleiros.

Diaba, mulher do Diabo. Vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, §. 382.

Diabête, deminutivo de Diabo.

Diangas ou Diangras, outro nome do Diabo. Assim é vulgar dizer-se : *que Diangas ! olha o Diangras !*

Dimnutê, deminutivo de Demonio (*Demoniete. Cf. Diabête).

Dolotêria, Dorotheia.

Êuga, egoa.

Faisca-Velha, mãe do Diabo (Cf. Diaba). Diz-se vulgarmente : *Va-lha-te a Faisca-Velha !* em fôrma de praga. — Este nome tem até já servido de alcunha a mulheres velhas.

Famila, familia.

Felôso e felôsa, coisa reles, sem valor. Também se diz *fuloso, -a*.
Fórfe, phosphoro. A serie foi talvez: *fósfro* (como se diz em geral),
 **fófro, fófre* (como se diz em Mondim da Beira), e d'aqui *fórfe*
 por metathese.

Freciana, Feliciana. A série foi: *Feliciana* (pronúncia vulgar), *Fle-*
ciana (idem). Como se sabe *fr* = *fl*.

Gãlfanhôto, gafanhoto. Por influencia de *galfarro*.

Gallegos: assim denominação os habitantes do territorio que se es-
 tende de Leiria para cima. — No *Parnaso Português moderno*,
 Lisboa 1877, diz o snr. dr. Theophilo Braga: «As povoações do
 Alemtejo chamam *gallegos* a todos os moradores do Ribatejo,
 pela transmissão inconsciente de uma tradição perdida». (Pag.
 xxxviii). Diz o padre Carmelo na *Orthogr.*, Lisboa 1767: «Sem
 fundamento chamam *Gallégos* aos povos Transdurienses e Trans-
 montanos, por motivo do dialecto». Depois tenta refutar esta no-
 ção que os povos do sul tem.

Gãnhão, jornaleiro. — Com o accento tonico na segunda syllaba.
 Este termo usa-se tambem no Alemtejo.

Granjolão, cousa grande.

Gravanada, muita chuva acompanhada de vento.

Herdança, herança. — Também se usa em Taboação (vid. *Dial. beir.*,
 v, 12). Viterbo, no *Elucidario*, i v., cita já esta palavra num
 documento de Salzedas (Beira-Alta) do sec. XIII.

Hómi, homem.

Ilhãrga, na phrase á ilhãrga (por *ao lado*). Assim se diz: *á ilhar-*
ga do caminho, do rio etc. No Minho diz-se: *á beira de* (ex. *á*
minha beira por ao meu lado). — D. Francisco Manoel, *Apol.*
Dial., ed. de 1721, traz esta phrase: «A verdade *á nossa ilhar-*
ga muda as côres». Pag. 110.

Imóra, embora. Muito usual na Beira-Alta, etc. A série foi *embora*,
imbora, d'onde, por assimilação, *imóra* (cf. *tambem, amos de*
dois, ta'monito = tam bonito etc. : — tudo isto no Norte. — Vi-
 terbo, *Eluc.*, s. v., cita *amos* = ambos).

Impeleirar-se, empoleirar-se. Formado sobre *poleiro*, do lat. *pul-*
lus (cf. fr. *poule* = lat. *pullam*).

Imurósio, Ambrosio. A serie foi: **Imburo시오*, **Imuro시오* (assimi-
 lação, cf. *imora*).

Indês, ovo que se colloca no ninho da gallinha, para ésta pôr mais.
 — Na Beira-Alta, etc. diz-se *êndes*. — A snr.^a D. Carolina Michaelis
 de Vasconcellos occupou-se d'esta palavra na revista allemã *Zeit-*
schr. f. rom. Phil. VII, 110-113. Mostra com varios textos que
 já no sec. XVI existião as fórmãs *index* com accento na última
 syllaba (= *endês* ou *indês*) e *index* com accento na penultima
 (i. é, *êndes*, poisque rima com *tendes*); mostra mais que Fran-

cisco Manoel de Mello (sec. xvii) fluctua na pronúncia de *indès* e *endès*; depois conclue que a etymologia é o nominativo lat. *index* que na pronúncia usual tem o accento secundario tão fórte, que quasi a segunda syllaba se confunde com uma syllaba tonica («Der Hauptaccent ruth zwar auf der ersten Silbe; der Nebenaccent auf der zweiten, ist aber so stark, dass er im Gembrauch und bei dem Nationalisierungsprozess im Munde des Volkes leicht zum Hauptaccent werden konnte»). Pag. 113). Se a palavra, diz a distincta romanista, proviesse de um caso obliquo, *indice*, este daria *inze*, como *quindecem* deu *quinze*. — Seção-me permittidas algumas reflexões: Na pronúncia actual existem muitas differenças: em todo o Sul do Mondego, ao menos numa boa parte, pronuncia-se *endés* (J. de Deus, no *Dicc. Pros.*, que representa em geral a phonetica do Sul, tem *endéz*); no Norte observei o seguinte: em Lanhoso (Minho), Canellas (Traz-os-Montes), Abbaças (id.), Moncorvo (id.) diz-se *indés*; em Freixo-d'Espada-à-Cinta (Traz-os-Montes) e Ancora (Minho) diz-se *indés*; em Prado (districto de Braga) diz-se *eindés* ou *aindés* (dissyllabo); em Vouzella (Beira-Alta), Mortagoa (id.), Mondim (id.), Ovar (dist. d'Aveiro), Madaíl (id.), Óis da Ribeira (id.), Salreu (id.), e Paredes (dist. do Porto) diz-se *éndes*; em Riba-Ul (dist. d'Aveiro) diz-se *éndes*; em Avintes (dist. do Porto) diz-se *éndex*; na Regoa (Traz-os-Montes) diz-se *éndes*. — Noutros pontos do Norte diz-se *aninhador* neste sentido. Ora, creio que *īndicem* dava perfeitamente *indés* (com as suas variantes) como *jūdicem* deu o português *juiz* e o castelhano *juez*. A fórma *éndes* (com as suas variantes) póde tambem vir do accusativo primitivo: *īndice*, *indece* (que é como se pronuncia usualmente a palavra litteraria *indice*), **éndece*, *éndeze*, *éndes*; é escusado recorrer ao nominativo. — Temos aqui mais um exemplo de como as differenças dialectologicas do português remontão muito alto, no tempo.

Ingrêja, egreja.

Inlias, Elias. O mesmo na Beira-Alta.

Inucenço, Innocencio.

Insónso, insósso.

Invergonhoso, invergonhado.

Ispigo, espiga de milho.

Istruir, destruir. Cf. no Norte *ispedir* (= despedir). — Este verbo *istruir* faz na 3.^a pessoa *istrói*. Em Lisboa, como me infórma G.

Vianna, tambem se usa *istruir* no sentido de *estragar*.

Isverdinhado, esverdeado. Assenta num verbo deminutivo **esverdinhar*.

Jinella ou **jenella**, janella. Tambem porém se diz *janella*. — No Norte usão-se as mesmas tres fórmas.

Jinó, nome popular do general francês Junot, da guerra peninsular. Uma canção popular do Peral diz mesmo :

Mais te valêra, Jinó,
Andar's com burro á arêa !
Nã basta cazar's póbre,
Senão ter's a mulher feia !

Tambem na Beira-Alta existe essa fórma. *Jinó* provém de *Junot*, por meio da fórma intermédia **Jenó* que resultou de dissimilação (*e* *o* = *u* *o*)? ou, como me suggere G. Vianna, o *i* de *Jinó* provem do *u* francês?

Jorze, Jorge. Vid. a *Phonologia*. — F. J. Freire, *Reflexões*, II, 24, escreve: « *Jorze*, como diz o vulgo ». — Para *z* = *j* cf. o meu *Dial. Brasileiro*, pag. 29.

Jurmano, Germano.

Lagórta, horta. Aparece, segundo creio, apenas numa rima popular. É talvez tirado do castelhano popular *la guerta* (= *la huerta*).

Lapada, bofetada. — Na Beira-Alta usa-se *lapada* (de *lapa*) mas com a significação de *pedrada*.

Léuga, legoa.

Lêva, leiva de chão.

Libana, Libania.

Linha-férrea, linha férrea (caminho de ferro).

Linho, ninho. Aqui ha de certo dissimilação: *l* *nh* = *n* *nh*.

Lisbóm, Lisboa. Assim ouvi muitas vezes pronunciar a um homem de perto do Peral. — No país encontra-se popularmente a fórma *Lisbõa* (que é tambem archaica) ao lado de *Lisbôua* (Norte). Assentão todas em *Lisbona*. — Vid. *Sbõa*.

Lóca, buraco grande sob o chão. Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, 631.

Logar, povo. Ninguem diz senão: « *aquelle logar* », « *vou áquelle logar* ». No Norte, com quanto não seja desconhecido este termo para indicar naturalidades (ex. « *F.*, natural do *logar* de tal »), empregar-se-hia neste caso *povo*.

Maguêxos, travéssas de pau em que assentão as pipas numa carrada.

Maltezes, trabalhadores ambulantes. Tambem creio que se usa no Alemtejo, mas no sentido de *mendigos*.

Manata, rapaz aceiado.

Manche, desmanche, nuns versos populares :

Casamentos, ninguem nos *manche*,
Mas *tamem* ninguem nos faça.

Marafim, marfim. Esta introdução de um *a* (*suarabácti*) entre *r* e outra consoante não é rara no nosso povo. Cfr. *cravalho*.

- Massaroca**, espiga de milho.
- Méda**, meda. No Norte diz-se *méda*. Do lat. *mēta*.
- Mêmo**, a, mesmo, -a.
- Mestéro**, mysterio.
- Mênza**, meza. Assim em Lisboa, Alemtejo e Algarve. — Já Franco Barreto dá na *Orthogr. da ling. port.*, ed. 1671, a fôrma *mēza* como pop.; e elle de certo se refere ao Sul.
- Miáfne**, milhafre.
- Milhér**, mulher, — num conto popular.
- Minderico**, habitante de Minde. Tem principalmente este nome os cardadores que andão de terra em terra na Extremadura a car-dar lã.
- Minderiqueiro**, habitante de Minde.
- Mióca**, minhoca.
- Mixilhão**, mexilhão.
- Mòguêro** (mòghêro), triste, de cabeça baixa.
- Muêr**, andar o pião. Ex.: *o pião mói*.
- Murêia**, monticulo de lenha, cannas, esterco. Em gallego *morea* (apud *Dicc. gall.-cast.* de Nuñez).
- Nha**, minha. A série podia tambem ser, em vez do que digo na *Phonologia*: *minha*, *mnha* (ainda no Norte se diz: *ó mnha mãi*), *nha* (assimilação de *m* a *nh*). Em gallego diz-se tambem *ñã* (*Dicc. gall.-cast.* de Nuñez, Santiago 1884). — Em todo o caso F. J. Freire, *Reflexões*, III, 37, cita *inha* como anterior a D. Diniz.
- Nhôr**, a, senhor. Vid. *nha*.
- Nhuma**, nenhuma. Vid. *nha*. A serie podia ser *nenhuma*, *n'nhuma*.
- Nino**, outra fôrma de *ninho*.
- Nio**, outra fôrma de *ninho*. Corresponde directamente ao lat. *nidus*. — De *nio* ha varios exemplos na Beira (vid. *Dial. beirões*, II, 14); em mirandês ha a fôrma *niu*. Em *rouergate* ha *niu* (vid. *Rev. des lang. rom.*, t. VII, pag. 69). — A palavra *ninho* póde ser um simples deminutivo de *nio*; comtudo o prof. Jules Cornu sup-põe que *ninho* se formou de *nio* por epenthese de *nh* (in *Romania*, XI, 90), e Gonçalves Vianna opta por **niinho* = **nidinho* (in *Études de grammaire portug.*, Louvain 1884, pag. 13-14).
- Nium**, nem um, nenhum.
- Nume**, nome. Tambem se diz *nome*, mas *nume* é mais vulgar.
- Ôito**, oito; mas diz-se *dezóito*.
- Palêio**: *dar palêio*, dar trela a raparigas.
- Pão por Deus**, esmola que se dá em dia de Todos-os-Santos.
- Pardal**, nome de qualquer passaro pequeno. O nome do verdadeiro pardal é *pardal do telhado*.

- Párreco**, parochó. No Norte *párroco* e *párrico*.
- Pastanas**, pestanas.
- Paulito**, pino de pau no jogo. — Cf. *paulada* e o cast. *palo*.
- Penaroso**, pesaroso. Formado por influencia de *pena*.
- Penicadella**, depenicadella.
- Penicão**, bellisco. Cf. *penicadella*.
- Penuroso**, outra fôrma de *penaroso*.
- Pérrola**, perola. — Creio que tambem na Beira-Alta.
- Pigurêro**, pegureiro.
- Pipino**, pepino.
- Pitôrro**, rapaz dos seus 13 ou 15 annos, mas de corpo pequeno.
Cf. *piturriinha*. — Parece um derivado de *pito*, como *cachôrro* de *cacho*.
- Piturriinha**, piasca (pião pequeno).
- Pôrto**, qualquer entrada ou passagem para uma *fazenda* fechada.
— Cf. Viterbo in *Elucidario*, s. v.
- Pramô' d'elle**, por amor d'elle.
- Prigatório**, purgatorio.
- Prôssemar**, aproximar.
- Prumetir**, permittir.
- Quarta**, cantara de ir á fonte.
- Quartel** ou **côrtele**. Vid. *dia*.
- Rabanho**, rebanho. O *a* resulta da influencia do *r*.
- Ralidade**, raridade. Dissimilação: *r.... l = r.... r*. — Nos AA. antigos apparece *ralo*.
- Rênar**, reinar. De um individuo que numa assembleia profere muitas graçolas diz-se que « tá a *rênar* ».
- Réuga**, régoa.
- Rezandêro**, homem que reza muito.
- Riguêra**, rego para a agoa. Carmelo, *Orthogr.*, pag. 674, tem *re-gueira*.
- Ruím** (ru-ím), ruim. No Minho *rũi*.
- Ruivaca**, rêbaco e rêbáco, peixe.
- Saccóla**, bolsa em que os pastores levão o pão para a merenda.
- Santanázio**, Satanás. Houve aqui influencia de *santo*. Cf. pop. *sanchristão* (que tambem é usado por D. Francisco Manoel nos *Apol. Dial.*) por *sachristão*.
- Santinella**, sentinella.
- Sárra**, serra (subst.). Assenta no verbo *sarrar*.
- Sbôa**, Lisboa. Apparece numa canção popular, etc. Ouvi tambem: « vou a *Sbôa* ».
- Scádias**, escadas. — João F. Barreto (de Lisboa) dá na sua *Orthograf. da ling. port.*, ed. 1671, a palavra *escadea* como a fôrma popul. de *escada*; vid. pag. 265 sq.

- Seixal**, sitio em que ha muitos seixos.
- Sebêrbo**, soberbo.
- Sevandejado**, pessoa reles, ridicula. — De *sevandija*.
- Sim**, prep. *sem* (vid. Phonologia) e adv. *sim*.
- Spadana**, herva.
- Spedir**, despedir. Cf. *istruir*.
- Spenar**, depennar.
- Spitalêra**, irmã da caridade (*hospitaleira*).
- Squipáta**, esquipatica.
- Surgião**, cirurgião. Vulgar no Norte. A série foi: *cirurgião*, **ciurgião* (dissimil.).
- Tamanhão e tamanhona**, cousa grande.
- Tanôco**, pedaço de pão. Em Lisboa, como me infôrma o meu distincto amigo G. Vianna, diz-se: *canôco*, *tarôco* e *tarólo*.
- Tarrão e tarrôa**, torrão de terra sêcco e duro.
- Têstro**, têsto. O *r* tanto pôde ser epenthetic (Cf. *Calistro*), como etymologico: lat. **testulum* (Cf. lat. *testula*, **test'lo*).
- Té-té**, ovo (em linguagem infantil).
- Tranca**, pernada de arvore ou mesmo de arbusto, ex. « uma tranca d'alecrim ».
- Tranquinho**, pedaço. Cf. *tranca*.
- Triguêrão e treguêrão** (com o accento tonico no *ão*), passaro. Tambem se usa no Alemtejo.
- Uviar**, uivar. Do lat. *ululare*. A série seria: *ululare*, **uluare*, **ulvare* (consonantisação), *uivar* (*i=l*; cf. *escuitar*, *muito*, gall. *cuitélo*). — Os Dictionarios trazem porém tambem *uiviar* (e no Minho diz-se *wiveia* na 3.^a pessoa). — Em Lisboa, diz-me G. Vianna, usa-se *òviar*.
- Vâis**, plural de *val* (= valle).
- Vallado**, parede de terra nos campos.
- Vergina**, Virginia.
- Viôvinha**, viuvinha.
- Xabôco**, vid. *chabôco*. — Outros termos que se poderião escrever com *x* procurem-se com *ch*.
- Xibantes**, gordos. — Tambem na *Comedia do Campo* de Bento Moreno, vol. III, se lê: « Trazes uma burra *chibante* » (in *Encyclopedica Republicana*, Lisboa 1882, pag. 110). — Cfr. Carmelo, *Orthogr.*, p. 191.

O estudo precedente leva á conclusão de que a lingoagem do Peral apresenta, como toda a lingoagem da Extremadura, ou dialecto extremenho geral, uma certa individualidade a respeito dos dialectos das provincias do Norte e Centro do reino; com relação aos das outras provincias do Sul, ha tambem differenças que serão apre-

ciadas a seu tempo, pois reservo para a conclusão final d'esta serie de artigos as mais considerações que eu poderia agora fazer.

Devo agradecer a meu bom tio Antonio Leite Pereira de Mello o auxilio que me prestou na minha colheita glottologica, já fornecendo-me alguns termos para o Vocabulario, já facilitando-me a occasião de eu por muitas vezes poder conversar com o povo e assim surprehender na propria origem natural o veio da lingoagem.

Porto — 1884-1885.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

DE MARÇANO A COMMENDADOR

O Manoel Carlos tinha vindo consoar com a familia. Um acontecimento. Desde muitos annos que a aldeia o não vira atravessar as suas ruas encharcadas e tristes; mas agora, que elle apparecia alli, negociante considerado e rico, dando que fallar de si, mettendo-se em brios de festeiro, fazendo despezas monstruosas com o presepio d'aquelle anno, desferrava-se do esquecimento em que o havia deixado mergulhar e commentava-o miudamente e pacientemente, desde o numero de camisas de fina bretanha que a Rosa fôra lavar ao poço das Poldras, até ao olhar que o negociante havia trocado com a Chica tecedeira, ao voltar da azinhaga, na ante-vespera do Natal.

— Riqueza, nem fallar n'isso! como um porco! o dinheiro voava nas suas mãos! Os Reis Magos não tinham importado em menos de seis moedas! Os pastores, a mula e o boisinho andavam por uma conta calada!

— E então que ainda todos se lembravam de o vêr em rapaz, gaiato como nenhum, a jaqueta rôta, mau como as cobras! Cahira uma vez da cerejeira grande do tio Gaspar, onde subira para roubar cerejas, e o velho ainda por cima lhe quizera tocar a pavana! Mas só a gritaria que o demo do rapaz fazia, protestando que fôra vêr um ninho de tentilhões, que nem sequer tinha tocado nas cerejas, era de rir!... Isto recordava o Domingos jornaleiro, um bom sorriso de imbecil aberto para o passado, o corpo inclinado sobre o lar, onde o lume crepitava com a resina das madeiras verdes.

O fagulha do Joaquim parecia ouvil-o attento, emquanto escondia castanhas no rescaldo, e a Margarida, espiando a roca, balanceava a cabeça em acenos affirmativos, como de quem se recordava vivamente.

— Era tal e qual.

E fazia girar o fuso n'um corropio rapido, encarniçando-se contra as asperezas do linho mal curado, que a saliva não amollecia.

— Um demo... capaz de derrancar um estomago.

Cahia uma tranquillia monotonia sobre o grupo, uma suavidade mansa, o conforto do bom amigo, o lume, penetrando tepidamente os musculos enrijados pelo frio.

A conversa morria em monosyllabos triviaes.

— Se ella acabava com aquillo — observou o Domingos inteiriçando os braços n'um espreguiçamento longo, o nariz contrahido pelo bocejo, a fauce reflectindo nas mucosas rubras a chamma avermelhada da lareira.

— Era só espiar a roca ; ia já tirar o caldinho para as tigelas ; devia estar um appetite — disse depois de ter levado aos labios a larga colher de ferro, com a *prova* ainda fumegante colhida na pannela de barro.

Os bois, na córte proxima, ruminavam a ração da noite ; sentia-se o arrastar dos fenos e palha grossa. Uma ou outra ovelha nova, balando, estendia uma nota tremula, de tristeza casta, pela extensão negra do corredor.

O *Turco* endireitava então o seu focinho ponteagudo e com as orelhas afladas escutava, rosnando surdamente pelo haverem incommodado sem motivo ; volvia depois á sua somnolencia de pachá ou de philosopho, os olhos acerejados e meigos embebidos na onda luminosa e branda que vinha do lar, o corpo ennovellado, o pélo pardacento iriando-se em scintillações fulvas, quando a chamma o illuminava de revez.

A Margarida encheu emfim as malgas de Prado e, mesmo no escabello, o Domingos migou sobre a montanha de hortaliça fumante a brôa alvadia e aspera, revolvendo-a lentamente com o garfo, e aspirando, deliciosamente, como um saboreador amante, aquelle vapor appetitoso que se evolava, em exhalações perfumadas, até ao seu valente paladar minhoto.

Tornou-se a fallar do Manoel Carlos, das suas riquezas e despendios. A invejasita coruscava então nas pupillas amortecidas do jornaleiro, a ambição da posse desenroscava-se no cerebro, como um desejo venenoso.

— Aquillo... sim — commentava, não deixando de revolver o caldo de couves segadas.

— tudo assim era no raio d'este mundo... uns moirejando noite e dia sem nada terem de seu, outros a fortuna a chover-lhes dentro de casa...

— elle, por si, não desejava muito ! mas emfim ter o eidito resgatado, umas terras de matto para lenha e estrumes, e uma jun-

ta de bois a mais não lhe parecia grande vantagem, com os diabos!...

— E uma vacca, uma boa vacca — accrescentava a Margarida — era um rendimento liquido; vendia-se bem o leite na villa... e se fosse d'aquella raça das que o fidalgo da Ermida trouxera para a quinta, isso era ouro sobre azul. Quando a via no pasto, ficavam-se-lhe os olhos no animal; não havia leiteira como ella por aquellas redondezas! Uma vez vira o caseiro mugir nada menos de trinta e dois quartilhos! a trinta reis, a vintem que fosse, fizesse a conta, andava p'ra riba de um cruzado! Um diario! mas a fortuna era para quem era — suspirou.

— E então era um *sumisso* o dinheiro — proseguia o Domingos — só o raio das decimas que levava o Villaça da fazenda todos os annos...

— Dava bem p'ra um par de novilhos — dizia a Margarida.

— Quando se lembrava, que ainda est'outro dia o Manoel Carlos andava alli pela aldeia a garotar, sentia ganas de... não sei que diga... mandar Deus de presente ao diabo.

— Ui, homem, credo! *Abrenuntio!* — acudiu a Margarida arrepiada da blasphemia — cada um para a sorte que o Senhor lhe deu; e d'ahi haja saúde!

— Um fedelho mesmo, não podia ter mais de trinta e dois annos.

• — Talvez, talvez...

Combinaram datas. O Manoel Carlos fôra para o Porto, quando principiára a molestia nas videiras; n'esse anno nascera a D. Francisquinha do Morgado e houvera por causa d'isso uma grande festa á Senhora do Bom Successo.

— Uma festa de rachar! não se tornára a fazer outra na freguezia, nem se faria tão cedo! só o sermão do frade que já morrera! poucos prégadores hoje que lhe deitassem a barra adiante!

— E a illuminação á noite, isso é que fôra lindeza! — accrescentava a Margarida.

— Pois devia ter os trinta e dois, devia; lembrava-se bem de o ter visto chapinhar na agua das Poldras para apanhar a cana d'um foguete! Era já um rapazote dos seus oito e a festa fôra ha uns vinte e quatro! Chamava-se áquillo andar depressa! só a gente mettida sempre no demo da lavoira...

— Cada um para o que nascia — rematava a Margarida n'uma boa resignação fatalista.

Um silencio de desalento pesava sobre as ultimas palavras, sem fechar comtudo, sentia-se bem, a curva em que iam rasgando na imaginação as ultimas ideias.

O proprio fagulha do Joaquim, brincando com o *Turco*, parecia

revelar na sua physionomia intelligente e viva uma preocupação occulta, que o não deixava acertar com as côdeas de pão nas goelas escancaradas do submisso animal, que tinha ordinariamente de fechar as mandibulas com um estalido secco, a unica nota que interrompia por instantes aquelle silencio calmo.

— Ó senhor pai, disse resolutu o Joaquim depois de limpar os beiços ao canhão da manga do jaleco, e se eu fosse tambem p'ra esse Porto, onde se ganha tanto dinheiro!...

O Domingos endireitou-se no banco, suspendeu mesmo a garfada de couves que ia levar á bocca e não menos atordoada, a Margarida, como se uma paralyisia subita a accommettera, interrompeu o escodear da brôa, em que se occupava para migar no caldo.

— O quê, pois aquillo podia lá ser!... objectou o pensamento, antes que os labios o murmurassem.

O Joaquim porém continuou:

— De manhã o Alberto da Viuva tinha ido á escôla despedir-se do mestre; ia ser caixeiro no Porto..., porque o não havia elle de ser tambem, — perguntava resolutu — porventura era menos que o Alberto? — A reflexão veio aos dois. O pai sobretudo sentia o coração illuminar-se por aquella inspiração repentina do rapaz; orgulhava-se, o pensar d'um homem feito, este do fedelho!

— Nunca se tinham lembrado de tal, esse é que era o caso! E deviam fazel-o, por obrigação e por amor d'elle! Se o Manoel Carlos não fazia melhor figura que um jornaleiro qualquer! Quanto tens, quanto vales, hoje em dia.

A mulher reagia ainda assim.

— Nada, não! antes pobre e em casa do que andar lá por fóra aos pontapés de todo o mundo... custava muito lagrima... sempre era comer o pão que o diabo amassou.

O Joaquim porém sentia-se já apoiado pelo pai.

— Pois não queria outra vida e era arrumar d'ahi o intento! tinha já treze annos, não lhe tolhessem a sorte!

O Domingos concordava sempre; via na imaginação ambiciosa o Manoel Carlos senhor de tão grande fortuna, as ricas moedas atiradas ao desbarato nas coisas da festa do Natal. E d'ahi

— O rapaz não havia de estar sempre debaixo das sáias da mãe; o mundo era p'ra os homens!...

A Margarida chorou n'aquella noite; dormiu mal; os pesadêlos atropellaram o seu pobre cerebro de mulher e mãe. Pensava porém:

— Verdade, verdade, ella desejava bem vê-lo feliz, augmentado em haveres! quem sabe se tolheria a sorte do rapaz, não lhe dêsse Deus remorsos, e depois o Porto não era no fim do mundo, havia lá mesmo bastante gente da freguezia.

Esta idéa consolava-a um pouco. O seu Joaquim não estaria isolado; nunca fôra ao Porto, mas ouvia dizer que os vizinhos se encontravam por lá muitas vezes e calculava que as distancias não podiam exceder a que se fazia do logar da igreja á Portella de cima... que fosse então, Nosso Senhor o fizesse feliz...

O Domingos fallou ao Manoel Carlos no dia seguinte, ao sahir da missa; apresentou-lhe o Joaquim, contou com orgulho que fôra do rapaz a resolução tomada.

O negociante animou-o:

— Parecia fagulha, talvez fosse longe; a casa e a roca eram boas para as mulheres, conforme já dizia o Marquez de Pombal.

O Joaquim escutou attento, desvanecido e ruborisado, sentia-se um pequeno heroe; elle tambem pensava como o tal Marquez... quem lh'o déra conhecer, talvez que um dia lh'o mostrassem no Porto... — conjecturava — porque devia ser um figurão superior ao Manoel Carlos!

E alegre da resolução tomada a seu respeito foi-se a participar a nova aos companheiros da escola, depois que o negociante o dispensou da conversa.

— Ia para o Porto, ouvissem bem, não era só o Alberto da Viuva que ia ser caixeiro... o sr. Manoel Carlos é que o arrumava lá.

Mas os outros combinavam um passeio ás veigas, havia lá dois ninhos de melro e um de gaio, logo por cima, no pinhal da Cifra...

Foi com elles. Queria mostrar-se-lhes superior em tudo e nenhum mais corajosamente se houve ao transpôr os vallados, ao subir aos pinheiros altos, ao desbravar as silvas d'uma sebe. Impunha-se como um chefe, fallava de *papo*.

— Parecia que já tinha o rei na barriga, ridicularisavam os outros — tinha de comer muito sal o amiguinho... não... que elle... era só partir e voltar logo rico como um porco...

— Uns asnos é que elles eram — respondia-lhes o Joaquim — bem se importava com o que elles diziam!

E como que para certificar-lhes o seu orgulho desdenhoso, a sua superioridade de destreza e força, saltava os barrancos primeiro que nenhum com uma agilidade de coelho bravo, subia aos velhos castanheiros, sem que o amedrontasse o estalar dos ramos seccos, encharcava-se na agua ainda fria dos ribeiros e desafiava os outros a que o acompanhassem até aos pontos mais fundos.

— Elle bem sabia que não era só ir n'um dia e voltar no immediato; mas veriam, veriam como ainda havia de vir rico para a terra!...

— E tu que fazias depois a essas riquezas, ó Quim?

— Que fazia, ora essa! mandava logo fazer uma torre nova e punha badalo no sino das almas! estava tudo velho aquillo — observou com desdem.

Ai, o pedaço d'asno!...

— E comprava a quinta do Fidalgo só p'ra ter aquelles patos que andavam no lago.

— Os patos, que lindos que eram os patos!

Discutiram-se logo. Varios conhecimentos ornithologicos dos pequenos ignorantes foram surgindo á critica, a qual assentou por fim

— que eram do Brazil e punham ovos da côr dos do *rei-dos-rios*.

Nem o Joaquim mais pensou na sua proxima mudança de situação. Seguiu a conversa sobre ninhos, quem sabia maior numero, as formigas que uns tinham deitado aos ninhos dos outros, a classificação das aves na sua taxonomia de rapazes — o papa-figo, a rola, o tentilhão, o pintasilgo, o melro, a carriça, os costumes de toda esta tribu alada, a variedade dos seus ovos, a diversa construcção dos ninhos, toda uma historia natural emfim com os encantos sinceros da sua experiencia adquirida e herdada e os prejuizos ingenuos que lhes haviam ensinado em creanças.

Ora, um dia esplendido que o levou para casa fatigado e o fez adormecer profundamente, sem que na sua imaginação côr de rosa os sonhos terriveis de ambição e lucta, ou os pesadêlos sombrios viessem escurecer toda a sua candura infantil.

Mas, seis dias depois, a Margarida levava á cabeça a caixita de pinho com a roupa, o Domingos um taleigosinho com alimentos, elle uma pequena trouxa onde iam os sapatos novos; e os tres seguiam, caminho da estrada, á espera da diligencia que tinha de passar para o Porto.

Iam tristes e silenciosos.

O Joaquim recordava com saudade terna e a alma cheia de lagrimas o momento em que transpozera a soleira da pobre casa, cujo tecto de colmo esfumado avistava ainda por entre as ramagens do castanheiro grande, via-se a atravessar o quinteiro, onde as galinhas cacarejavam como que a dizer-lhe o ultimo adeus, sobretudo uma branquinha, riça, que a mãe lhe tinha dado em pequena. Sob estas impressões pungitivas principiou a chorar, quando fechou a cancella do eido, depois de ter atravessado todo um tapete esmeralda de centeio verde, que elle proprio tinha ajudado a semear.

As vinhas de enforcado, ondulando suavemente em redor do campo, formavam como que a linha d'um circulo amigo que se lhe fechava para sempre!

— Quem sabe se as tornaria a vêr! formulava a sua linguagem saudosa.

Quando passou o rio, aquelle rio de fresca agua batida, onde tantas vezes viera nadar em companhia dos outros rapazes e onde pescára ao anzol enguias do tamanho de cobras, sentiu vontade de voltar para traz, de pedir ao pai e á mãe que o levassem de novo para casa.

Na occasião porém a mãe de Alberto, a Chica Viuva, passava com um feixe de lenha e entabolou conversa.

— Fazia elle muito bem seguir aquella vida, o seu lá estava, louvado Deus, e já tinha escripto contando maravilhas da cidade: o que se queria era fortuna e ser humildinho aos patrões!...

Era o estímulo chegando a proposito; a curiosidade do mundo novo, a sensação d'aquellas maravilhas que o seu companheiro tinha experimentado impunham-lhe a ordem de marchar para a frente, atirar ao esquecimento com o seu passado. O orgulho espicava-o tambem.

— Não queria dar parte de fraco; o que diriam os outros?

E teve por isso a coragem de se mostrar forte diante da mãe do Alberto, despediu-se com alegria.

— Visse lá se queria alguma coisa para o filho...

— Muitos recados, Joaquim, muitos recados e que Nosso Senhor o fizesse feliz, Nossa Senhora da Boa Fortuna fosse na sua companhia.

— Amen! confirmou a Margarida muito lacrimosa.

Chegaram á estrada. Era cedo ainda. Um silencio casto se estendia pela paizagem matizada de colorido. Abriam-se os pecegueiros ás expansões da luz, as amendoeiras em flôr, as macieiras d'um côr de rosa claro, os espinheiros silvestres dos vallados.

Uma ou outra cerejeira temporã salpicava-se já de pequeninos fructos carmesim.

As searas, desmaiando do verde para o doirado, como que arfavam recebendo a luz fecunda d'aquelle bom sol de primavera... Terras lavradas, nodoas largas interrompendo por entre os muros soltos das azinhagas os tons verdes da vegetação, destacavam n'um ou n'outro plano, como se fossem as sombras projectadas dos alcantis da montanha que se desdobrava para ao de longe.

Sentiu-se o chocalhar longinquo das campainhas, uma busina despertou a dormencia da paizagem. E essa nota longa, melancolica, estendida por todo o valle fez uivar o *Turco*, o pobre animal que parecia comprehender as lagrimas da Margarida, talvez porque no seu rude coração de submisso a dôr passasse tambem n'aquelle instante, como uma tempestade psychologica.

(Continúa).

J. AUGUSTO VIEIRA.

SOBRE A POESIA POPULAR DA GALLIZA

I

Toda e qualquer sociedade humana, como um perfeito organismo, subsiste pelos elementos staticos da sua conservação, e pelas modificações dynamicas do seu progresso. Entre os elementos staticos distinguem-se como factores da individualidade de um povo, a raça, a lingua, a nacionalidade e a *tradição*, que é propriamente uma *synthese affectiva* que subordina de um modo espontaneo todas as actividades ou vontades a um concurso ou consenso que determina a marcha historica. Todos estes factores são entre si tão intimamente solidarios, que estudando um, os outros ou o esclarecem ou são elucidados por elle; ha casos em que a raça não condiz com a lingua, como acontece com as raças italiotas, gaulezas e hispanicas que adoptaram a lingua dos romanos; ou em que a lingua não caracteriza a nacionalidade, como em algumas povoações da Italia e especialmente na Suissa, e em que a tradição de outras edades pela sua persistencia já não condiz com o estado social nem com a indole do povo que a repete. Apesar d'estas alterações, porém, o facto de se acharem os factores staticos fóra da acção do arbitrio individual, faz com que o typo da raça, a lingua, a tradição e a autonomia nacional sobrevivam mais ou menos completamente sob as revoluções historicas em um dado territorio.

No solo da Hespanha existem os relévos orographicos que di-

vidiram naturalmente a península em pequenos estados; o facil accesso d'este territorio fez com que aqui confluíssem diferentes raças, que obedeceram a essas condições mesológicas, e no seu separatismo crearam dialectos proprios, elaboraram no automatismo consuetudinario tradições, que foram o elemento de concordia para essas confederações defensivas, primeiros esboços das nacionalidades peninsulares. O empirismo politico pôde desconhecer durante seculos estas condições que actuam constantemente na constituição de um povo; ousou impôr uma unidade material, mais administrativa do que politica, tentou apagar as iniciativas locais, ou garantias autonomicas, calar os dialectos provinciaes ante uma lingua official, estrangular sob Fernando e Isabel, Carlos v e Philippe II as antigas nacionalidades, mas o unitarismo e a centralisação nunca puderam extinguir as tradições populares. Firmin Caballero, pelas dansas, pelas cantigas e instrumentos musicaes, pelas praticas da cultura agricola fixa o character de cada um d'esses povos que hoje são provincias de Castella. Esse antigo individualismo levanta-se vigoroso ás primeiras investigações da critica, e a associação do *Folk-Lore da Andaluzia*, ao seu appello á tradição do passado abre o alvéo a uma corrente, que rue e se alastra pelas regiões que constituem os organismos independentes da nacionalidade hespanhola, a castelhana, gallega, aragoneza, asturiana, andaluza, extremeña, leoneza, catalan, valenciana, murciana, vasco-navarra, balear, canaria, cubana, porto-riquenha e philippina.

Com as tradições, sympathica e religiosamente colligidas, revivem os dialectos, órgão poderoso do espirito local, e com este o genio da iniciativa e da independencia, base para um renascimento da Hespanha, que a levará a occupar o grande logar que lhe compete na Civilisação occidental.

O estudo das tradições não representa simplesmente uma phase scientifica, mas tambem é uma crise moral, em que o espirito da associação local, tão admiravelmente estudado e comprehendido por Carey, se apresenta como a fôrma de reconstituição de um povo envolvido na longa decadencia catholico-feudal.

Sob este ponto de vista as tradições populares da Galliza são do mais alto interesse; a Galliza é a provincia mais duramente submettida á unidade politica e mais sacrificada pelo centralismo administrativo; ella resiste pela sua tradição lyrica, em que conserva a sua feição ethnica, e esse espirito local a que chama *soidade*, especie de nostalgia que em Madrid se denomina a *morrinha gallega*. Em relação á nacionalidade portugueza, a Galliza é um fragmento que ficou de fóra da integração politica de um Estado gallecio-portuguez, desmembrado pelo interesse de Affonso VI para fazer o casamento das suas duas filhas com Raymundo e Henrique de Bor-

gonha. A Galliza seguiu a sorte da unificação asturo-leoneza, perdendo cada vez mais os seus elementos de cultura e de vida nacional; Portugal, pela sua autonomia de nação, desenvolveu uma lingua e litteratura, arte, industria e a grande acção que o tornou um dos primeiros povos coloniaes, e o iniciador da actividade pacifica da Europa. Tendo-se estudado as tradições portuguezas nos seus centros provinciaes, Beira-Baixa, Algarve e Minho, Alemtejo e Traz-os-Montes, e nas suas expansões coloniaes dos Açores, Madeira e Brazil, este estudo não seria completo sem o conhecimento das fontes primordiaes ou archaicas conservadas pela Galliza, como fôco da antiga unidade gallecio-portugueza.

Sob o ponto de vista mesologico, a Galliza pertence a esse grupo de pequenos estados divididos pela cordilheira dos Pyrenéos que corre de norte a oeste, formando os organismos independentes da Catalunha, Aragão, Navarra, Asturias, Galliza e Vasconia. Pela sua situação aqui resistiram mais puras a raça celtica e as tribus suevicas, e pela sua estabilidade social não perturbada pelas invasões dos Arabes, aqui se elaborou essa tradição lyrica, propagada aos outros paizes da Hespanha, como no seculo xv notára já o Marquez de Santillana. A Galliza, na reconstituição da sociedade neo-gothica, era o fôco da civilização peninsular; aqui vinham os reis completar a sua educação, e a lingua gallega era preferida para as composições poeticas das côrtes em que se imitava a poesia trobadoresca, tão delicada na sua casuistica sentimental. A Galliza perde a sua existencia politica, e por tal facto apaga-se a sua cultura, e cae n'essa atonia provincial, em que só subsiste aquillo que é de origem statica e inconsciente; a Galliza é incorporada na unidade do reino de Leão por Affonso I, mas sob Fruela, procura revindicar pela revolta a sua independencia. Envolvida por Affonso III na mesma unidade em que entra o reino de Leão, a Castella velha e Lusitania, essa unidade quebra-se pela morte do monarcha, vindo a Galliza a caber em herança a Ordonho que a incorpora outra vez ao reino de Leão roubado a seu irmão Garcia. Pela morte de Ordonho, Fruela incorpora a Galliza e Leão no reino das Asturias. Trez vezes sacrificada a sua autonomia nacional, a Galliza não perde o espirito de independencia, e vence em uma lucta separatista sob Ordonho III, Sancho I e Ramiro III á custa do apoio dado aos conflictos dos outros estados entre si. Porém, n'essa forte corrente de unificação politica imposta pela audacia de Fernando o Magno, a Galliza é absorvida como os outros estados de Navarra, Aragão, Castella e Leão, vindo, pela desmembração determinada pelo testamento de Fernando, a Galliza a caber a seu filho Garcia. Esta situação independente foi transitoria, porque Garcia é desapossado por seu irmão Affonso VI, que realisa a

quarta unificação peninsular, em que separa da Galliza o Condado de Portugal, que depois da sua morte se torna independente. A Galliza nunca mais saiu da sua situação subalterna, decahindo successivamente; o estado de Portugal estendeu-se ás extremas fronteiras da Galliza ao sul, até ao Mondego, e até Lisboa, alargando-se progressivamente até aos Algarves de além-mar em Africa, explorando o Atlantico e achando o caminho maritimo da Asia. Apesar d'esta separação politica, continuaram as similaridades ethnicas gallecio-portuguezas; que foram persistindo mas desconhecendo-se entre si, a ponto de o nome de *gallego* se tornar uma injuria pessoal, mesmo para aquelles que, como Sá de Miranda ou Camões, eram oriundos de familias gallegas.

Vê-se portanto, que as tradições populares da Galliza devem explicar muitas particularidades das fórmas tradicionaes portuguezas, e ao mesmo tempo são o ultimo vestigio de um organismo nacional que ficou atrophiado. A Galliza chegou a ter extincto o seu dialecto, fallado apenas domesticamente; e pela emigração forçada dos seus naturaes, foram as mulheres que conservaram as tradições, causa plausivel da preponderancia dos cantos lyricos sobre os cantos heroicos.

O padre Sarmiento, nas suas *Memorias para a historia da Poesia española*, escriptas em 1745, falla em varios logares d'esta obra da poesia tradicional da Galliza, taes como os adagios, as dansas, as Coplas de Perico, o canto do Figueiral e a influencia melica da mulher gallega. Só na segunda metade d'este seculo é que começou a renascença da Galliza, cooperando n'este estudo D. Antonio de la Iglesia no jornal *La Galicia*, D. Manuel Murguia, D. Rosalia de Castro, Saco y Arce, vindo em fevereiro de 1884 a constituir-se a associação do *Folk-Lore gallego*, na Corunha, sob a presidencia de uma extraordinaria e genial escriptora D. Emilia Pardo Bazan, sendo a junta directora composta de D. Ramon Perez Costales, Salvador Golpe, Ramon Segade, Narciso Perez Reyo, Antonio Maria de la Iglesia, Juan de la Osa, D. José Perez Ballesteros, Candido Salinas, Francisco Maria de la Iglesia, e Victor Lopes Seoane. ¹

¹ Na parte III do nosso *Parnaso Portuguez moderno*, publicámos uma collecção de Cantos populares da Galliza.

II

O typo genuino do lyrismo peninsular conserva-se ainda na Galliza, como o canto mais querido do povo, designado pelo nome de *Muiñeira*. É curiosa a aproximação das canções jogralescas gallezianas que se conservam nos Cancioneiros portuguezes do seculo xiv, com as fórmulas actuaes transmitidas nas versões oraes. Antes de tudo vejamos como os naturaes da Galliza definem a *Muiñeira*. Escreve D. Manuel Murguia, na sua excellente *Historia da Galliza*: « Dividiremos los cantares en varios grupos, que los mismos campesinos distinguen con los nombres de *Muiñeiras*, *Cantar de pan-deiro*, *Alalds*, *Ani-novo*, *Mayos* etc., siendo los mas caracteristicos de todos ellos los primeros. Las *Muiñeiras* tienen una metrificación sobrado caprichosa. Se compon por lo regular, de quatro ó mas versos, siendo el primero de dos hemistichios de cinco silabas, los otros dos seguintes de otros dos hemistichios uno de cinco y otro de seis e el quarto de seis, como en este ejemplo :

Meu maridiño foise por probe,
Deixou un fillo, topou dezanove.
Isca d'ahi
Galiña maldita,
Isca d'ahi
No me mate la pita.
Gracias a Dios y a todos los santos,
Siquera me dixo de que eran tantos.
Isca d'ahi galiña ladrona,
Isca d'ahi prá cas de tua dona. » ¹

Aqui temos o verdadeiro typo da *Muiñeira*; compõe-se cada estrophe de dois versos emparelhados, rimando ou assonantando nos seus segundos hemistichios, e com um estribilho ou retornello que deve tambem assonantar com a parrelha. A segunda estrophe é formada pela troca dos hemistichios, em que os que eram primeiros ficam segundos, prevalecendo a assonancia ou rima d'estes, que determina a rima do retornello. D. José Perez Ballesteros colligiu no *Cancioneiro gallego* bastantes composições d'este genero, algumas d'ellas reduzidas a simples disticos, e outras sem estribilhos. Eis uma d'essas *Muiñeiras*, colligida em Lugo :

¹ *Hist. de Galicia*, t. 1, p. 252; a *Muiñeira* acha-se ali escripta como quadra, o que embaraça a comprehensão da sua fórmula strophica.

Hasde cantar á veira do rio,
ó son d'as oliñas de campo froldo;

Hasde cantar á veira d'o mar,
ó son d'as oliñas que soben e van;

Hasde cantar á veira da fonte,
que ch'heide dar peros cosidos n'o pote.

Ai hasde cantar, mininha solteira,
ai has cantar alá n'a ribeira.

N'esta *Muiñeira* falta o retornello, que é improvisado a capricho. Em geral os collectores da poesia popular gallega não descobriram o valor tradicional d'esta fórma lyrica, e confundiram-na com a quadra. Na collecção de Firmin Casares, n.º 39, acha-se este fragmento de *Muiñeira*:

Véndeme os bois e véndeme as vacas,
e non me vendas o pote das papas.

Véndeme a cunca e mai lo cunqueiro,
e non me venda-lo meu tabaqueiro. ¹

Uma vez perdida a comprehensão da fórma estrophica, acham-se fragmentos d'este genero de Canções já na fórma epigrammatica, já completamente confundidos. Assim na importante collecção do snr. Ballesteros, acham-se como epigrammas:

— O cego casado con nena bonita
O susto d'o corpo non se lle quita.

— Chamasm'amigo, e meu queridiño!
eu entrementes vou pagando o viño.

Ou estrophes isoladas, como estas:

— Panadeira d'aquesta ribeira
de dia móe e de noite peneira.
Válgate xuneras! ô estilo d'a terra
do peneirar pela noite sin vella.

¹ *Bibl. de las trad. populares*, t. iv, p. 31.

— Fun ó muiño d'o meu compadre,
 fun polo vento, vin polo aire.
 Esta é cousa de encantamento,
 ir polo aire e vir polo vento.

Vejamos como estas fórmulas lyricas tem uma antiguidade que nos põe em evidencia o seu valor tradicional. No Cancioneiro portuguez da Bibliotheca do Vaticano, apesar de conter as composições dos nossos trovadores aristocraticos da côrte de Dom Affonso III e Dom Diniz, acham-se tambem ali *Cantares de Amigo, Dizeres, Serranas, e Cantos de Ledino* dos jograes gallegos que no seculo XIII visitavam as côrtes peninsulares. São inapreciaveis estas composições para recompôr por ellas as tradições populares da Galliza, quando tudo levava a crêr que seria impossivel achar quaesquer documentos de uma epoca tão remota em que a poesia popular se expandia em uma inconsciencia espontanea. Transcreveremos para aqui algumas d'essas composições que melhor accentuem a fórmula estrophica e o espirito do genero. O jogral Pero Meogo, traz no citado Cancioneiro :

Ay cervas do monte, vim-vos preguntar,
 foyss'o meu amigu'e se a lá tardar
 Que farey, velidas ?

Ay cervas do monte, vim-vol-o dizer,
 foyss'o meu amigu'e querria saber
 Que farei, velidas ? ¹

É singularmente bella esta outra composição do mesmo jogral, e em fórmula de dialogo, em que o typo da *Muiñeira* apparece na sua pureza tradicional :

— Digades, filha, mha filha velida,
 porque tardastes na fontana fria ?
 « Os amores ey.

— Digades, filha, mha filha louçana,
 porque tardastes na fria fontana ?
 « Os amores ey.

« Tardei, mha madre, na fontana fria
 cervos do monte a augua volviam ;
 Os amores ey !

¹ *Cancioneiro portuguez da Vaticana*, n.º 792.

« Tardei, mha madre, na fria fontana
cervos do monte volviam a augua ;
Os amores ey !

— Mentis, mha filha, mentis por amigo,
nunca vi cervo que volvesse rio ;
« Os amores ey !

— Mentis, mha filha, mentis por amado,
nunca vi cervo que volves's'o alto.
« Os amores ey ! » ¹

Um outro jogral, Martim Codax, assigna canções que conservam o typo galleziano em que as duas parelhas se desdobram :

Mha irmana fremosa treydes comygo
a la igreja de Vigo hu é o mar salido,
e miraremos las ondas.

Mha hermana fremosa, treides de grado
a la igreja de Vigo hu é o mar levado ;
e miraremos las ondas.

A la igreja de Vigo hu é o mar salido,
e verrá hy, madre, o meu amigo ;
e miraremos las ondas.

A la igreja de Vigo, hu é o mar levado,
e verrá hy, madre, o meu amado ;
e miraremos las ondas. ²

(Continúa.)

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Ibidem*, n.º 797.

² *Ibidem*, n.º 886.

INDIVIDUALISMO E COLONISAÇÃO

Verum, verum, verum.

Alongando a vista para os tempos distantes da historia colonial portugueza, e deixando de lado tudo quanto pareça tentativa sem resultado immediato, ou conquista sem proveito duradouro, o observador descobre com surpresa que, apesar da falta de plano e de desmazelo d'uma occupação ingenua, foi tão violento o nosso impeto e era tão sensível n'esta época o *estado nascente* das civilisações que impugnámos, que sempre conseguimos impôr-lhe o nosso dominio, quer pela implantação do governo, quer pela infiltração da lingua.

N'essas regiões porém onde permanece ainda hoje a nossa lingua, já o dominio patrio cessou, quer pela venda do territorio, quer por cessão dotal ou abandono. Fallam por si só e eloquentemente os nomes de Bombaim e Ceuta, Mazagão e Boa Esperança, e, de nossos dias, Blantyre e Livingstone.

Procedia então absoluta e caprichosa a tutela real — a peor de todas as tutelas, quando a não illumina o conhecimento dos elementos que dirige — cerceando os rendimentos da nação com a satisfação de vaidades mais ou menos idiotas e mais ou menos ruinosas, como as de D. João v e D. Maria i; ou, cedendo estupidamente à pressão violenta da cubiça estrangeira, alienando territorios colonias, ou perdendo pontos de uma tão grande importancia strategica para o futuro movimento commercial, como o Cabo e Malaca, Ceuta e Ormuz.

A imprevidencia de então, filha legitima da soberania da ignorancia e herdeira necessaria da ineptia dos soberanos, procedia á tôa, vendendo o que dava incommodos e abandonando o que exigia cuidados, trabalho, pensamento, responsabilidade.

Seguiu-se-lhe a exploração ávida, impaciente, do que nos ficou — o *systema colonial*; exploração dos colonos, da agricultura, das minas, do commercio, da moral, da dignidade, tambem caracterisada no dicto d'um rei materialão e um governador de não menor quilate — não te esqueças de vir de lá rico... — De lá era do Brazil, para onde o fidalgo ia governar...

Depois os protestos, as revoltas e independencia d'esta colonia, e mais tarde o negocio de Solor. Emquanto nós e os outros, portuguezes e estrangeiros, espoliavamos as colonias, nós porém com menos arte e muito menor prudencia e politica do que as outras nações, a *physiologia* creava-se, a *ethnographia* constituia-se, a *biologia* alcançava fóros de sciencia, a *anthropologia* penetrava nos espiritos, e a economia politica quebrava os moldes da antiga rhetorica sentimentalista, para penetrar com Adam Smith no vasto campo da observação da natureza e seguir com Stuart Mill a larga estrada da moderna *philosophia*.

Assim, ao passo que as dolorosas lições colhidas pela Inglaterra na historia da independencia dos Estados-Unidos e nos conflictos com a companhia das Indias, os prejuizos economicos violentamente quebrados pelo excesso de riqueza trazido ás respectivas metropoles, pelas colonias emancipadas da America do Sul e do Norte, e os beneficios colhidos *sem despeza* d'estes mesmos paizes, mostravam, que o *systema colonial* tivera o seu tempo e se devia entrar n'um regimen liberal que succedesse á tutela paterna até então pesadamente imposta; assim, ao mesmo tempo que se dava nos processos governativos esta profundissima revolução, dava-se na sciencia, *que é e deve ser a base de toda a politica*, uma transformação importantissima, impondo a realidade das cousas á attenção dos pensadores, em lugar de sujeitar o curso da natureza ao capricho dos diplomatas, em igual, demasiado lettrados.

Sobre os cadavres de milhares de emigrados, arruinados pela miseria, embrutecidos pela fome, fulminados pelo escorbuto e dizimados pela asphyxia, levantavam-se os protestos da dignidade humana offendida e da medicina violentamente ultrajada. A indignação foi estimulo para graves estudos, e para longos regulamentos. O morticínio diminuiu com a perseguição dos engajadores brutaes, emquanto os prejuizos da hygiene transformavam em commodos transportes os *tumulos ambulantes* que atravessavam o Atlantico.

Estudou-se o problema da emigração; retomou-se o thema de Montesquieu, discutiu-se a marcha das subsistencias, achou-se o in-

cremento das populações, e n'estes estudos e n'estas diligencias se ganharam os rudimentos sobre que mais tarde se havia de cerzir a moderna sciencia da colonisação e a esta a da politica colonial.

Entre nós não sei de livro nem jornal algum que tenha advogado com saber e independencia a causa da sciencia nova. Um só, *Colonias portuguezas*, parece agora querer sahir dos atalhos da rhetorica e das conveniencias de occasião, para entrar com passo seguro na discussão dos problemas coloniaes. Quanta tibieza, quanta frouxidão, quanta ingenuidade porém revela ainda!

Esta lacuna é muito de lastimar-se, e tanto mais digno de censura quanto é certo serem hoje do alcance dos estudiosos as obras de Leroy-Beaulieu, Roscher, Stuart Mill, Dutroulau, Bertillon, Bordur, Leroy de Méricourt, e outros; e ser sobretudo da obrigação de todos concorrer, na esphera da sua acção para o bem geral dando-lhe o peculio do seu trabalho, do seu pensamento e da sua independencia de sêr livre e intelligente.

Além d'isto, o desnortear da nossa politica e o falseamento das nossas instituições com o triste cortejo d'uma torpe venalidade e d'uma immoralidade sem exemplo obrigam o protesto dos que não desejam ceder á torrente da humana torpeza, fazendo-se amarrar á solidez dos principios e á castidade da sciencia, emquanto não baixa a inundaçáo do mal.

Temos a vida vegetativa de quem não comprehende quanto póde e para quanto servem os recursos de que dispõe. Convém sermos praticos, e é preciso que o sejamos desde já. Temos colonias ou fazendas que exploramos no ultramar; contamos com ellas como um dos elementos de futura prosperidade; de duas uma — ou as alienamos ou as desenvolvemos. Urge pois cuidarmos d'ellas antes que nos torne a ameaçar outra *expropriação por utilidade publica*; porque se é certo, como diz Leroy-Beaulieu, que um povo prepara os alicerces da sua futura grandeza e da sua futura supremacia, colonizando, tambem é verdade que o *ultimo a fazel-o será o primeiro a desaparecer*, porque já não poderá vencer a poderosa corrente contra elle dirigida pelo seu proprio espirito de aventura, pela sua incuria ou pela sua inepecia.

O que temos alcançado até aqui devemol-o na sua quasi totalidade á iniciativa individual. O que nos resta fazer, a nós da metropole, já não póde ser entregue á direcção exclusiva do individualismo, deve ser executado pelo governo para que tenha toda a liberdade e toda a protecção o individualismo das colonias, para que renasça o commercio e se emancipe a industria.

O individualismo no continente tem produzido em nossos dias homens como Paiva de Andrade, Neves Ferreira, Paiva Raposo, Joaquim Machado, que á custa de muita pertinacia, de muita ener-

gia e de muito sacrificio, lograram ou trabalham para lograr do governo terrenos para arrotear, garantias para lhes assegurar o trabalho e liberdades para a plenitude da sua acção. Quanta resistencia não venceram? Quanto interesse mesquinho não tiveram de esmagar? Quanta perfidia não illudiram?

E fizeram alguma cousa? Deram ao paiz vantagens immediatas? Alcançaram pessoalmente fortuna, ou sequer uma confortavel mediania? Não. E se trabalham ainda hoje é porque os favorece o auxilio dos estrangeiros, em capital, em utensilios, em ferramentas, em pessoal, em sciencia, e em tenacidade.

Nós, o publico, a imprensa e o parlamento, demos-lhes como incentivo, e agradecimento e estimulo, as ameaças das camaras, o escarneo dos jornaes, perseguições das secretarias, o desprezo dos capitalistas e a indiferença dos governantes. Uma e outra vez levantou-se protestando, é certo, contra a celeuma dos energumenos; abafou-a porém o estrondear da tempestade.

Nas colonias o individualismo tem produzido trabalhadores como Neves, Sousa Teixeira, João Duarte de Almeida, Angelo de Sousa Prado, João Guilherme Barbosa, João Leforte, Bernardino de Abreu e Castro o fundador de Mossamedes, Gomes Pereira o cultivador de café, Diocleciano Fernandes das Neves o agricultor de Bembe, Xavier Alves o introductor de algodão, etc. etc., definhando e vendo definir a sua fazenda no estiolamento fatal das coisas abandonadas.

Por outro lado a indiferença dos governos tem-se manifestado na falta de protecção ás industrias colonias, no mau tratamento da marinha mercante; em tratados ruinosos como o do sal da India; em planos enormes e de execução difficil e importuna, como os das obras publicas de 1875; em esquecimentos imperdoaveis como o de não deixar de figurar o paiz na exposição de Amsterdam; e em mil outras coisas que nos demorariam muito.

Ha pois dois campos — o do trabalho individual e o da acção governativa. Sobrepõem-se ou eliminam-se? Completam-se ou subordinam-se?

Por outras palavras — em materia de colonisação os governos devem dar toda a liberdade á acção individual nas colonias ou na metropole; devem dirigil-a ou devem combatel-a? Esta é a questão.

Ha de parecer arrojo levantar-a depois dos importantes escriptos de Stuart Mill e Menièr, Bluntschli e Espinas, Theophilo Braga e Yves Guyot, Leroy-Beaulieu e Rodrigues de Freitas, Herbert Spencer e outros. Para nada serviria porém o atrevimento se n'elle se não incluísse uma certa utilidade.

Com effeito estes eminentes pensadores, com excepção de Le-

roy-Beaulieu e Stuart Mill, não consideraram o caso especial do conflicto entre as tendencias expansivas d'um individualismo colonizador e a compressão systematica d'um conservantismo espoliador; se porventura Stuart Mill e Leroy-Beaulieu o fizeram, este sob o ponto de vista do exclusivismo economico e aquelle examinando a questão pelo lado das responsabilidades e obrigações do governo. . .

Ainda mesmo que tudo estivesse feito, salta aos olhos o dever de continuar no que se começou, porque poderia ser verdadeiro em 1873 o que já não é em 1885, e ser exacto para os colonizadores germanicos o que não o é para os latinos mais ou menos sujeitos ao cosmopolitismo do sangue syro-arabe.

Não vae n'isto pretensões a novidade; antes se deve n'esta diligencia contar só com o bom desejo de limitar o problema aos casos actuaes.

I

O progresso está na razão inversa da acção coerciva do homem sobre o homem, e na razão directa da acção do homem sobre as coisas. Esta profunda verdade que resulta claramente do estudo attento da historia, da sciencia, da marcha da industria, das victorias do direito e do alargamento das liberdades individuaes, vem claramente expressa no luminoso trabalho de Yves Guyot sobre sciencia economica ¹.

Examinado assim de alto, o problema tem solução immediata aparentemente facil — Os governos não podem nem devem demorar ou impedir a marcha do progresso; não devem nem podem augmentar a coacção de homens sobre homens, nem diminuir a sua acção sobre as coisas.

A emigração de *engajados* suppõe necessaria pressão de contractadores sobre trabalhadores ingenuos, implica violencia de calculadores e negociantes avidos sobre espiritos candidos, impacientes por um futuro prospero mas ignorantes dos meios legitimos de o alcançar, ou das condições em que o vão adquirir. Deve ser prohibida. Por seu turno a emigração livre deve ser patrocinada.

Assim foi erro grave não favorecer a emigração d'esses 150 homens, pouco mais ou menos, que appareceram a pedir, sob a dire-

¹ *La science économique*, pag. 434. Paris 1881.

ção d'um tal Narciso Feyo, meios para irem trabalhar na provincia de Angola. Era por acaso perigosa a tutela do Messias que se lhe impoz? Substituisse-o ou dirigisse-o o governo, visto que é dever seu cuidar de tudo quanto interessa á segurança do estado ou á liberdade individual.

Na colonisação não está só compromettida esta liberdade e esta segurança: estão igualmente em risco os interesses e o futuro da nação. Por consequencia a responsabilidade é muito maior — os emigrados que se hão de transformar nos futuros colonos devem ser protegidos; as regras que a medicina recommenda para conservação das suas qualidades ethnicas e desenvolvimento das suas aptidões para o trabalho, devem ser cuidadosamente seguidas; a hygiene individual deve ser o alicerce da immigração, assim como a hygiene social o será da colonisação, quando a favoreça um *desenvolvimento e continuado trabalho industrial*.

Os dados da questão augmentam, pois, em numero e em importancia á medida que é mais alto o fim social a attingir; e tão numerosos e importantes se tornam que Stuart Mill reconheceu que esta materia se não póde resolver uniformemente. Ha infelizmente elementos com que este eminente economista não contou — o elemento biologico que se modifica, ás vezes profundamente, com o facto da emigração, e o sociologico que se transforma perante as necessidades novas produzidas pela quebra da tradição e da vida habitual, e pelo necessario conflicto com o sólo, raça, clima e civilisação indigenas.

O determinismo do phenomeno, isto é, a somma de condições sem as quaes elle não póde existir, abrange pois dois conflictos — o do emigrado na lucta pela vida, ao sahir da patria e ao penetrar no paiz colonial, até reconhecer em si ou reconhecer na sua descendencia as qualidades trabalhadoras primitivas; e o das pessoalidades da colonia em permanente combate com os preconceitos da metropole, quer impugnando os monopolios, quer repellindo a tutela, reclamando collaboração ou pedindo a completa liberdade.

As relações do emigrado com o governo estão perfeitamente definidas no criterio do progresso que acima apresentamos. E embora o não estivessem, nada se perderia para o nosso proposito, visto que só á sua chegada á colonia e á sua integração na vida colonial, é que surgem e crescem impetuosamente os obstaculos, as peias tradicionaes, os deveres novos, os direitos adquiridos e a adquirir, as garantias necessarias, as liberdades indispensaveis para servir, etc. etc.

Consideremos pois só e indifferentemente o immigrado ou o colono, visto que um produz o outro e ambos teem os mesmos compromissos, as mesmas responsabilidades.

Um e outro dependem do estado social e industrial do paiz d'onde vieram e a que estão ligados, sobretudo do sólo, do clima e da raça do paiz onde penetraram e onde tem de viver, *com ou sem auxilio da metropole.*

O estado social e industrial do paiz d'onde vieram impõe-se-lhe pela acção governativa — quer se chame systema colonial, monopolio ou tutela, protecção ou *self-government.*

Por outro lado os colonos que geralmente os governos pretendem sujeitar a um regimen uniforme ou anachronico, estão sob a acção, que os modificará se os não modificou já, do sólo que determina certas condições de vida conforme é maritimo ou interior, palustre ou sem paludismo, rico ou pobre em recursos agricolas, mineraes, etc.; do *clima*, que mais ou menos faz *degenerar* a raça conforme é de isothermica pouco ou muito proximo á do ponto de partida; e da *raça*, que pelo seu maior ou menor estado intellectual, póde suscitar conflictos, como os indigenas e primeiros colonos do Cabo, ou póde ser absorvida como os indios do Brazil, ou aniquilada como os moris da Nova Zelandia, ou dirigida como os cafres da costa de Moçambique.

São estes elementos os que devem entrar em linha dé conta no intrincado problema para que estamos collaborando. O sér biologico creado por este conflicto com as condições coloniaes é forçosamente differente do emigrado que para lá partiu; a legislação ou os processos administrativos, seguidos para os seus patricios não devem pois, *à priori* estender-se ao colono: hão de modificar-se para lhe conservar a liberdade de acção; hão de amenisar-se para lhe favorecer a conservação da vida constantemente em lucta com um clima novo, deprimente ou não, mas em todo o caso differente do da metropole; e hão de alargar-se para abraçarem e protegerem o colono e a raça indigena na sua ascensão a um estado melhor, porque, como tão bem disse Bluntschli ¹, á medida que a civilisação avança, as necessidades naturaes perdem cada vez mais o seu imperio, cedendo o passo na politica ao espirito consciente e á acção livre e individual.

Esta supposta igualdade de condições perante a lei e perante a administração tem sido causa de erros gravissimos. É tempo de se lhes estudar a origem e a importancia.

(Continúa).

CARLOS DE MELLO.

¹ La politique, pag. 75. Paris 1883.

BIBLIOGRAPHIA

A Terra e o Homem á luz da moderna sciencia. — Duas conferencias feitas em 1878 por CARLOS VON KOSERITZ. — Porto Alegre 1884. 151 pag.

É um trabalho de vulgarisação o que temos na nossa frente, devido á penna de um dos homens que mais honram as letras contemporaneas no Brazil, sua patria adoptiva. Carlos von Koseritz é de origem allemã, discipulo e amigo do grande Hæckel, e como elle um partidario convicto da philosophia monistica, doutrina que tem immensas affinidades com o positivismo, como o comprehendem hoje muitos pensadores, sobretudo italianos, e mesmo como é interpretado entre nós. A sua divisa é a da escola de Jena a que pertence: *Impavidi progrediamur*. Escusado, portanto, será affirmar que as duas conferencias do dr. Koseritz encerram as conclusões da sciencia moderna ácerca da terra e do homem, visando naturalmente a destruir nos seus fundamentos o velho theologismo e as doutrinas metaphysicas, que dominam os espiritos no novo continente com a mesma força que ainda tem no antigo. O auctor, entendendo « que o homem deve sempre ter a coragem de suas convicções », não recebeu a afronta da cólera do jesuitismo, nem melindrar os preceitos tradicionaes de um povo atrazado, com a exposição clara e simples da verdade pela demonstração dos erros geocentrico e anthropocentrico em face das descobertas scientificas dos tres ultimos seculos e em especial dos recentes estudos anthropologicos e embryologicos. Se porventura houvesse a notar certa prolixidade ou certa moderação n'um ou n'outro ponto da conferencia, teria sufficiente desculpa na época em que as conferencias foram feitas e no auditorio que a ellas ia assistir. « Si tivesse de fallar hoje sobre o mesmo assumpto, escreve o dr. Koseritz no prologo, não usaria mais das precauções com que me houve então, nem gastaria tempo com a justificação do meu procedimento. » Durante os ultimos sete annos a sciencia caminhou muito, é um facto evidente, mas tambem não é menos evidente que o espirito publico se tem esclarecido e levantado, embora muito pouco, quer em Portugal, quer no Brazil. As pa-

lavras que deixamos transcriptas representam a constatação d'esse facto, na provincia do Rio Grande do Sul.

Na primeira conferencia define o distincto escriptor a theoria da evoluçãõ, empregando abundante copia de dados e attingindo á seguinte conclusãõ positiva: «As leis da natureza que regem o universo não são senão a consequencia das qualidades e forças inherentes á materia e por isso mesmo não admittem excepção alguma. O universo em todas as suas differentes fórmas consta de 62 elementos, que são movidos por 8 forças. É este o material que a natureza emprega em seu constante trabalho evolutivo... Os mesmos elementos possuem sempre as mesmas qualidades, obedecem ás mesmas leis e produzem as mesmas fórmas. Por isto mesmo não admittem as leis da natureza a menor excepção e o universo perdura com imperturbavel regularidade.» (p. 72).

Na segunda conferencia occupa-se das theorias da descendencia e da selecção, expondo os principios geraes em que ambas se fundam e examinando as relações entre os séres. Aceita a geração espontanea, *æquivoca*, como Hæckel, no começo da vida organica, e aceita-a «como dogma», e, embora não possa ser provada com factos, como «uma necessidade logica.» Não estamos n'este ponto de pleno accôrdo com o dr. Koseritz; admittimos de facto a hypothese da *generatio æquivoca* como «uma necessidade logica», mas não «como um dogma.» O ponto de vista positivo póde acatar as theorias da descendencia e da selecção no seu conjuncto, como as mais plausiveis e as unicas que explicam as circumstancias caracteristicas da serie organica, do mesmo modo que acata a theoria cosmogonica de Laplace, porém considerando-as sempre como hypotheses.

Não devemos terminar esta rapida noticia bibliographica sem fazer ainda um reparo. Affirma o distincto escriptor no começo da sua primeira conferencia «que os Israelitas crearam o bello ideal do seu Jehovah Adonâi, que pelo sublime philosopho de Nazareth foi transformado no Deus omni-potente, omni-sciente e omni-clemente do Christianismo.» (p. 11) Ora o ideal de Jehovah, como claramente se vê da Biblia, nada tem de bello; é horroroso como uma mal disfarçada contrafacção do Molock, o idolo sanguinario dos Semitas, ao qual se sacrificavam os primogenitos dos homens e dos animaes. A religião dos Israelitas era a mesma que a dos povos da sua raça, e a Biblia é uma justaposição de tradições de differentes origens e uma viciação de antigos textos feita com um fim politico, n'uma época relativamente avançada, talvez depois do Captiveiro, e em virtude do contacto com civilisações muito mais cultas do que a do povo hebreu. Tambem Jesus de Nazareth, reduzido ás proporções historicas a que o levou a critica moderna, depois de despido das vestes lendarias e mythicas que o tornaram extraordinario, perdeu todo o seu prestigio poetico, e a nossos olhos está longe de ser um *philosopho* e muito menos ainda *sublime*. Crêmos que hoje serão estas tambem as opiniões do dr. Koseritz, se porventura não o eram quando fez a conferencia.

No seu conjuncto, o livro *A Terra e o Homem á luz da moderna sciencia*, merece os nossos sinceros elogios como um valioso trabalho de propaganda scientifica, que, honrando o auctor, deve ser um incentivo de estudo para as gerações brazileiras contemporaneas.

TEIXEIRA BASTOS.

REVISTA DAS REVISTAS

ITALIA

CRONACA SIBARITA, dirigida por Vittorio Pica, L. Conforti, Parlagreco, Vasquez, etc. Napoli. — N'esta publicação são sempre muito bem escriptos os artigos de critica-litteraria e as notas bibliographicas, firmados por Vittorio Pica e Parlagreco.

RIVISTA DI FILOSOFIA SCIENTIFICA, diretta da E. Morselli, R. Ardigò, G. Boccardo, G. Canestrini, G. Sergi. Redattore: G. Buccola. — N.º 3 do vol. iv de 28 de fevereiro de 1885.

A Philosophia Scientifica, por Giovanni Cesca. — Importante estudo sobre a origem, o caracter e o objecto da philosophia scientifica, que o auctor considera ao mesmo tempo «relativa á nossa consciencia» e «limitada á nossa experiencia», reduzindo-se a ser «a systematisação dos ultimos resultados scientificos», mas incluindo em si além d'isso «aquellas partes do saber que servem de base a toda a sciencia» e que são: a metaphysica empirica, a logica, a theoria do conhecimento e a psychologia. Por metaphysica empirica entende o snr. Cesca «o saber humano completamente unificado» ou a philosophia primeira que se occupa dos objectos e das suas relações emquanto estão na nossa experiencia.

Os estudos da lingua, por Pietro Merlo. — Artigo interessantissimo que se divide nos seguintes paragraphos: i Unidade do saber. ii A lingua orgão universal de toda a sciencia. iii Lentos progressos dos estudos glottologicos. iv Historia das linguas. v Paleontologia glottologica. vi A familia dos Aryas. vii Multiplicação dialectal. viii Philosophia da linguagem. ix Problema das origens.

A materia considerada como fórma de energia, por Marino Pompei. —

Resumo feito pelo proprio auctor da memoria publicada no anno findo sob o mesmo titulo, e onde pretende demonstrar a identidade da natureza da *força* e da *materia*. Este notavel estudo é acompanhado por cinco mappas elucidativos da questão.

O Direito e a sua sciencia, por Antonio De Bella. — Artigo importante sob o ponto de vista sociologico.

Notas criticas: A organização economica em relação ao genesis do delicto, por Buno Battaglia e *A Philosophia da evolução na Universidade Japoneza*, por G. Serji.

Revista synthetica: A moral e o direito no naturalismo, por Ferdinando Reglia. — Artigo primeiro comprehendendo os seguintes capitulos: I A moral e o direito segundo Herbert Spencer. II A moral evolucionista e o principio absoluto moral. III Theoria psychogenetica do sentimento moral e existencia de um principio etico ideal.

Revista analytica e Revista bibliographica contendo analyses e criticas de varios livros. *Revista dos periodicos*.

IL NUOVO EDUCATORE, rivista settimanale della instruzione primaria. Direttore G. Veniali e Siro Corti. Anno iv. Roma 1885. Lira 7, Unione postale L. 10. Summario delle n.º 22:

Parte pedagogica: Ispettori Scolastici. — Saggio di pedagogia comparata (G. A. Colorza). — Bibliografie. — Delle provincia. — Notizie. — Posti vacanti.

Parte didattica: La Storia dell'Educazione in Italia per studio dei giovani delle Scuole Normali (A. Golmini).

LA NUOVA SCIENZA, rivista dell'instruzione superiore, dell'avv. professore Eurico Caporali. Anno II. — Fasciculo I. — Gennaio, Febbraio, Marzo 1885. Esce in Marzo, Giugno, Settembre e Dicembre in fasciculo de almeno 128 pagine in-8.º gr.

A mais completa apreciação d'está publicação está feita nas seguintes palavras de Th. Ribot, o illustre director da *Revue Philosophique de la France*: «Revista importante não sómente para a Italia, mas para a Europa e duas Americas. Ella pretende organizar o livre pensamento italiano, utilizando a analyse philosophica feita na Inglaterra, na Allemanha e em França, nos ultimos cincoenta annos, para construir uma Philosophia exacta sobre os resultados das sciencias naturaes e historicas. Erudição, critica, amplitude e unidade de vistas: taes são os titulos que recommendam a *Nova Sciencia* a todos os philosophos.» Compartilhamos este modo de vêr. N'alguns artigos do primeiro anno por vezes o illustre professor Caporali cita, com verdadeiro conhecimento, os trabalhos dos nossos escriptores modernos, como Theophilo Braga. O fasciculo que hoje accusamos contém o seguinte summario: «*L'odierno pensiero italiano*. — *La forma Pitagorica della Cosmica Evoluzione*. — *L'Evoluzione anti-clericale germanica nella sua intima vita*. — *Note Filisofiche delle singole Scienze*. — *Notizie bibliographiche*. — *Varieta*.

HESPAÑHA

ARCHIVOS DE TERAPEUTICA MEDICA Y QUIRURGICA. *Revista mensual dirigida pelo dr. D. Narciso Carbó y Aloy. Ano 2.º, n.º 31, de 15 de abril. Barcelona.*

Este numero é dedicado pela redacção ao *distinguido medico y microbiologo español dr. D. Jaime Ferran y Clúa*, cujo retrato insere na primeira pagina. Ferran y Clúa é joven ainda e apresenta-se como caloroso evangelizador dos trabalhos de Claudio Bernard, Pasteur, Magendi, Duclos, Van-Tieghem y Saa. Formado em 1873 na faculdade de medicina de Barcelona, em 1884 alcançava, com a sua memoria, *Importancia do parasitismo em Medicina*, o premio do concurso da *Academia real de Medicina de Madrid*. Enviado pelo municipio de Barcelona a estudar o colera em Marselha e Toulon, em virtude de concurso, para o qual escreveu alguns estudos sobre o *Panspermismo*, alli concebe pelo estudo do microbio a ideia da inoculação do virus choleric para a preservação da terrivel epidemia. Bem como a de Pasteur, a sua descoberta está attrahindo hoje a attenção do mundo medico, sendo as suas experiencias submettidas ás mais attentas observações e, em breve, confirmando-se a sua efficacia, o seu nome ficará inscripto entre o dos grandes benemeritos da especie humana, um dos que mais efficazmente conseguiu descobrir o meio de combater os mais terriveis inimigos do homem, os inimigos invisiveis.

Ha de saliente no que deixamos escripto um facta da mais singular importancia. Foi um municipio hespanhol que iniciou o precedente de abrir concurso documental para os delegados a missões scientificas. Honra lhe seja por esta nobilissima iniciativa, que já produziu os seus fructos opimos. D'esta resolução do municipio de Barcelona surgiu a descoberta por certo mais efficaz de combater o cholera e deve sentir-se satisfeita e alegre a corporação que assim comprehendeu a sua missão civilisadora e administrativa. Emquanto o delegado de um municipio dá tão relevantes provas do seu trabalho, os dos governos e academias, gastando muitos contos de reis aos thesouros publicos, estacaram perante as banalidades do uso, quando muito redigiram os seus relatorios palavrosos, vazios de senso e de criterio analytico, recommendando medicamentos, cuja formula apanharam a grandes trabalhadores obscuros, como succede á tisana do dr. Lourenço, tirada a Raspail que nem citou, sendo este incontestavelmente a alma das theorias medicas hoje mais admittidas no mundo scientifico.

Este caso devia abrir os olhos aos nossos governos, habituados a enviarem aos congressos scientificos umas entidades enfatuadas, recommendaveis apenas pelo seu valor monetario ou politico, e não pela intelligencia ou estudo comprovados, unicos titulos n'estes casos admissiveis.

C. V.

REVISTA TECHNOLOGICO-INDUSTRIAL, publicacion mensual de la Asociacion de ingenieros industriales. *Barcelona*, anno III. Summario do n.º 2:

Technologia: Los pavimentos de asfalto, por el ingeniero D. Ruo de Manjarrés. — Intereses materiales de Zaragoza, su clasificacion y modo de proceder á su desinvolvemento, por D. P. Sans y Guitart. — *Ferreo carriles*: Ferro-carriles de poco coste, por D. A. Sans y Garcia. — *Chronica de la Asociacion*: Junta general. — *Noticias varias*.

INDUSTRIA É INVENCIONES, revista semanal ilustrada. Director D. Geronimo Bolibar, ingeniero industrial. Barcelona, tomo III, 1885. Summario do n.º 63:

Relaciones entre la viabilidade y la agricultura, por D. P. Garcia Faria. — Revista de la eletricidade y de sus aplicaciones. — Algo sobre transmisiones per medio de correas y Maquinas para fabricar cordones y cuerda, patente James, illustrado com grabados y importantes datas sobre las patentes de invencion y marcas de fabricas.

BUTLETI MENSUAL DE LA ASSOCIACIÓ D'EXCURSIONS CATALANA — any VIII, n.ºs 77 e 78 de febrer e mars de 1885.

N'estes numeros d'esta interessante publicação ha a notar principalmente os estudos ethnographicos de D. Vicens Plantada y Fonolleda sobre os *Costumes populares del Vallés*, artigo continuado dos numeros anteriores, o de D. Arthur Osona ácerca das *Llegendas de la Schwarzwald* (Selva Negra).

FRANÇA

LA SOCIÉTÉ NOUVELLE, *revue internationale. Sociologie, arts, sciences et lettres*, paraissant tous les mois.

Temos recebido com toda a pontualidade até ao n.º 5, correspondente a 20 de março, esta excellente publicação, vulgarisadora das mais novas theorias scientificas e litterarias. Pelo summario d'este numero que passamos a transcrever, se póde avaliar a importancia d'esta revista:

« *Os Deuses homens*, por E. Haunot. *A situação social em Hespanha*, por Canta Claro. *Alfredo Fouillée e o socialismo*, por Domela-Nieurvenhuis. *Memorias da Maison-morte*, novella por Th. M. Dostoievsky. *A propriedade territorial na Russia*, por E. Kins. *Estudo sobre a evolução do direito canonico*, por H. Denis. *Do papel social dos Bancos na Europa*, por E. Pignan. *Chronica litteraria. O mez* ».

O quadro traçado por Dostoievsky a respeito das prisões, sentimentos e vida politica e íntima dos russos, tem a grandeza das concepções litterarias dos homens do norte, um vigor e virgindade de pensamento que desconhecemos nos do sul. O estudo de Pignan sobre os Bancos da Europa, muito embora não aprecie por emquanto mais do que os bancos de especulação, é d'uma actualidade palpitante e tem um alto valor pratico pelos dados que accumula.

Os trabalhos publicados nos numeros anteriores por E. Reclus, de Paepe, Metchnikoff, de Greff, C. Lemonnier, Patter, Huyssmans, etc., são d'aquelles em que se aprende e sobresaem pela novidade e fórma de dizer acuradissima.

C. V.

PORTUGAL

A MEDICINA CONTEMPORANEA, *hebdomadario portuguez de sciencias medicas*, collaborado por professores e dirigido pelo prof. Miguel Bombarda.

O ultimo numero que temos presente, correspondente a 26 de abril, traz o seguinte summario: *A escola do Funchal. A massada das exhumações e a saude publica. A parte medica da reforma do municipio de Lisboa. Traba-*

lhos originaes : *Nota sobre a funcção inhibitoria pelo Snr. Bettencourt Raposo.* Movimento scientifico : *Bacillos da syphilis. Tarsotomia posterior nos pés tortos antigos. Argyria.* Variedades. Folhetim : *A agitação universitaria na Italia, pelo Snr. Tebaldo Falcone.*

Acompanhamos com vivo interesse alguns dos trabalhos publicados n'esta revista, não podendo deixar de especialisar os artigos relativos á suppressão da faculdade de medicina da Universidade e escola medica do Funchal e os importantes artigos do dr. Senna a respeito de Rilhafolles, ultimamente publicados em volume com o titulo de *Os alienados em Portugal, historia e estatistica.* Este trabalho, depois do celebre relatorio do dr. Pulido, é a mais fervorosa revindicação de justiça que entre nós se tem formulado em favor dos mais desgraçados dos infelizes, que perdida a razão entram n'aquelle verdadeiro inferno do Dante, cuja desordem e immundicie são a mais frisante condemnação do senso moral, de deputados, ministros, auctoridades administrativas e corporações particulares de caridade. O estrangeiro que visitar este estabelecimento fugirá horrorisado de Portugal. Quanto mais humanitario e util não seria applicar os capitaes dispendidos nos albergues que dão cêa e cama á vadiagem, em alliviar os soffrimentos de tantos entes sem razão que vivem privados de todas as condições hygienicas, encurrallados como animaes, sem luz, sem ar, sem alimentação conveniente e sem a protecção que reclama este tão pungente estado? O clinico que escreveu este trabalho e o jornal que lh'o publicou, prestaram um relevante serviço ao paiz, pois que se evidenciou que ainda ha entre nós quem proteste, e não seja solidario com tanta miseria e tanta immoralidade.

C. V.

O OCCIDENTE. — Revista illustrada de Portugal e do Estrangeiro. — Vol. VIII, n.º 228.

Tem esta revista uma feição nacional e parece que o seu fim exclusivo é tornar conhecidos os trabalhos dos artistas portuguezes. Pena é que a parte artistica não seja mais cuidadosa, o que attribuimos ao nosso publico não saber auxiliar devidamente as empresas nacionaes d'este genero.

O numero que temos presente publica os seguintes artigos : — *Chronica Occidental*, por Gervasio Lobato. — *O doutor Baldy*, idem. — *Carmen.* — *As nossas gravuras.* — Continuação da biographia do actor *Anastacio Rosa.* — *O Doutor Francisco Antonio Pinto e as suas conferencias sobre o Zaire*, por C. A. — Continuação da biographia de *Castilho*, por J. B. — *Os confidentes* (conto), por Alberto Braga. — *Resenha noticiosa.* — *Publicações.*

COIMBRA MEDICA, revista quinzenal de medicina e cirurgia. — Director Dr. Augusto Rocha. 5.º anno, 1885. N.º 8, 15 de abril.

Entre alguns trabalhos medicos de valor publica esta revista amiudadas vezes artigos de calorosa defeza dos fóros e regalias universitarias. N'este sentido é o jornal que mais propugna por velharias, por instituições inúteis, que aggravam o estado angustioso do thesouro com despesas escusadas, parte das quaes ou todas seriam melhor applicadas em completar os cursos medicos de Lisboa e Porto, dotando os seus laboratorios e museus com os instrumentos, aparelhos e modelos que no ensino são hoje indispensaveis. N'este sentido tinha cabimento e era mesmo aproveitavel o projecto de *Reformas da faculdade de medicina*, publicado, no anterior volume, pelo snr. dr. Rocha, mas applicando-o ás duas escolas já referidas, que convinha completar com o pessoal da faculdade, eliminando esta, que é completa-

mente dispensavel e se torna mesmo prejudicial ás duas escólas medicas, que vão perdendo, sobretudo a de Lisboa, o seu character eminentemente pratico pelo vicio da declamação theorica, que caracteriza todas as faculdades da universidade. Este defeito que aqui notamos de relance é um dos mais salientes factores da decadência geral do paiz e do nosso grande atrazo mental, produzido pelo enfatuamento dos bachareis e doutores, que Coimbra todos os annos espalha pelo paiz, e, sem estudos alguns praticos, envia á conquista de todos os postos rendosos e altos cargos. Que ha de fazer o povo que entregam á doutrinação moral de um clero jesuitico e á instrucção do professor, que escassamente ganha para pão, em face da carta de bacharel ou doutor, advogado ou medico, que podem mandar calar e perseguir quem (mesmo notabilidade estrangeira d'estas especialidades) ouse propôr-se a advogar-lhe os interesses ou cural-o, nas enfermidades que lhe atacam os haveres ou a vida? Longe nos levariam estas considerações que demandam factos e provas faceis de adduzir, mas que exigiam artigo especial. Hoje limitamo-nos a transcrever o summario do ultimo numero que temos á vista:

Augusto Rocha: *Questão de ensino*. Augusto Rocha: *Breves considerações a proposito de um artigo do snr. Julio de Mattos. A. A. Cortesão? Revista de jornaes*. E. A. N. de Eliseu: *Hospitales da Universidade de Coimbra*. Fernando de Mello: *Hospicio districtal de Coimbra*. Dr. Bourgeois: *Produtos da industria pharmaceutica. Miscellanea*.

C. V.

FROEBEL — Revista de instrucção primaria. Lisboa.

Temos presente o n.º 5 da 1.ª serie, correspondente ao mez de julho e cujo summario é o seguinte: *Escólas profissionaes para mulheres*, continuação, por Caetano Pinto. *Pedagogia-technologica do ensino*, por Martins Contreiras. *Economia* (conferencia do professor F. Laurent), traducção de Costa Goodolphim. *Consultas*, por Feio Terenas. *Exames de ensino elementar* (continuação do programma). *Notas e informações. Cadeiras a concurso. Edital*.

Esta revista é de grande interesse para o professorado primario pondo-o ao facto de todo o moderno movimento pedagogico no nosso paiz e insere alguns artigos dignos de nota, taes como a *Conferencia* do professor F. Laurent, *Technologia do ensino* por Martins Contreiras e *As escólas profissionaes para mulheres*, por C. Pinto, embora não estejamos de accordo com algumas opiniões emittidas n'esses estudos.

(Continúa).

REIS DAMASO.

SUBSCRIÇÃO INTERNACIONAL

PARA UM MONUMENTO

A GIORDANO BRUNO

Uma commissão universitaria central de Roma com a adhesão e co-adjvação de homens eminentes como Victor Hugo, Herbert Spencer, E. Hæckel, E. Renan, Max-Müller, Büchner, Swinburne, Moleschott, Ardigò, Spaventa, Trezza, Mortillet, Th. Ribot, etc. etc., resolveu erigir um monumento a Giordano Bruno no *Campo dé Fiori*, na mesma praça publica onde foi queimado pela Inquisição em 1600. Esta homenagem é um tributo devido pela Europa moderna a um dos precursores do movimento scientifico e philosophico do nosso seculo, que pagou com a vida o arrojo das suas convicções bem alto confessadas, a esse que era então « uma voz peregrina no mundo » que a si mesmo se chamava: « *Dormitantium animarum excubitor.* »

« O monumento que nos propomos levantar a Bruno, diz a commissão universitaria, deve ter sobretudo uma alta significação moral: *A gratidão ao heroe do pensamento, ao arauto da nova philosophia, a que nos permite pensar livremente.* »

Giordano Bruno affirmára « que para o propagador da verdade todo o mundo é patria. » E hoje os livre-pensadores de todos os paizes se reúnem para prestar á sua memoria um tributo de gratidão e de admiração.

A **Revista de Estudos Livres**, cujas ideias se filiam na grande corrente philosophica e scientifica, de que Giordano Bruno foi um dos maiores representantes no seculo xvi, não podia deixar de prestar o mais caloroso apoio a um tão justo e generoso pensamento.

Abrimos, portanto, aqui a subscrição para as pessoas que em Portugal desejem contribuir para o monumento. Quem preferir enviar a sua quota directamente á commissão universitaria central poderá fazel-o por meio de vale de correio, dirigido ao Professor B. E. Maineri, Via della Lupa 8, 1, Roma.

Theophilo Braga.....	1\$500
Carrilho Videira.....	1\$000
Reis Damaso.....	500
Teixeira Bastos.....	1\$500
Filippe de Figueiredo.....	1\$000
J. Augusto Vieira.....	1\$000
Carlos de Mello.....	1\$000
J. Leite de Vasconcellos.....	500
Oliveira Martins.....	1\$000
F. Sá Chaves.....	500
Julio Lourenço Pinto.....	1\$000
Casimiro Franco.....	500
Ignacio Saraiva.....	500
Castello Branco Saraiva.....	1\$000
Ernesto Freire de Andrade.....	500
Alberto Freire de Andrade.....	500